

BATALHA DE WIZNA, AS “TERMÓPILAS POLONESAS”: ENTRE O MITO E O FATO

Por José Antonio Mariano*



Foto: Vaclav1288/DevianArt.

Afoito, quase desesperado, o soldado de artilharia Seweryn Biegański pedala furiosamente pela estrada que atravessa a floresta, rumando na direção de Góra Strękowa, 36 km ao sul.

Ele saiu do Forte Osowiec¹, cidadela que se manteve inexpugnável por seis meses e meio durante a I Guerra e que não foi tomada pelos alemães nem mesmo com o uso de armas químicas. Tem pressa e precisa ter mesmo. É manhã de 10 de setembro de 1939, décimo dia da invasão alemã à Polônia, e Biegański tem nos lábios uma mensagem urgente do capitão Tadeusz Naróg, ajudante do comando do 135º Regimento de Infantaria, dirigida ao capitão Władysław Reginis, comandante do setor Wizna, então lotado no bunker “GG-126”, na colina mais alta de Góra Strękowa.

Reginis, já sem a maior parte dos seus homens, ainda resiste ao assédio dos alemães depois de três dias de furiosos combates. Mal chega à ponte do rio Narew, Biegański é saudado pelas metralhadoras de um caça Bf-109 alemão, que

¹ O forte foi construído entre 1882 e 1887, modernizado em 1892 e novamente no início do século XX. Os alemães o ocuparam em 13 de setembro de 1939, mas entregaram-no aos aliados soviéticos em 26 do mesmo mês, cumprindo o protocolo secreto do Pacto Molotov-Ribbentrop; foi reocupado pelos alemães em 27 de junho de 1941 e tomado em sua maior parte pelo Exército Vermelho em 14 de agosto de 1944, e inteiramente em janeiro de 1945 (https://pl.wikipedia.org/wiki/Twierdza_Osowiec).

descarrega parte de sua munição, já que a totalidade da mesma foi despejada, junto com petardos da artilharia de campo, no *bunker* de Reginis. Ele abandona a bicicleta e vence a distância até o *bunker* onde transmite as ordens de Naróg: “Defender as posições confiadas a todo custo; nada de retirada sem ordem em contrário”. Biegański observa o estado dos defensores. Estão exaustos. Muitos feridos, sem assistência médica, alguns cegos, atordoados pelos sons contínuos dos projéteis caindo sobre a seção, sufocados pela fumaça e poeira. A munição está praticamente esgotada. Em síntese, prosseguir a luta sob tais condições equivalia simplesmente a morrer lutando. E era exatamente isso que o jovem capitão polonês de 31 anos tencionava fazer.

“Os duros defensores poloneses não desistiam da luta e nossa unidade foi novamente engajada com fogo de metralhadora. (...) Uma forte detonação derrubou a porta e a entrada foi imediatamente coberta com fogo de submetralhadoras. (...) Os poloneses ainda assim permaneciam lutando, muito embora praticamente todas as suas armas tivessem sido destruídas. Somente quando um dos engenheiros lançou algumas granadas na casamata é que a resistência foi finalmente quebrada. Encontramos nove mortos no abrigo”.

Sturmbannführer (major) Mäser, 19º Corpo de Exército Alemão.

“Cada soldado que saía dos abrigos, após a rendição, bem como os feridos, foram muito mal tratados; na minha vez levei um tiro de pistola na têmpora, fui chutado e severamente espancado por soldados – suboficiais – alemães. Uma vez fora do bunker, desmaiei, mas meus soldados me apoiaram; novamente fui chutado várias vezes no ventre e na cabeça; mais tarde, recebi curativos de um médico alemão, mas perdi completamente a consciência”.

Capitão Wacław Szmidt, 8ª Cia., 135º Regimento de Infantaria, Exército Polonês.

“A dedicação dos defensores de Wizna fazia sentido. Quando o 19º Corpo foi obstado na região, sem poder avançar rapidamente como desejava para o sul e o leste, as forças ao redor de Varsóvia tiveram pelo menos dois dias para compor sua defesa; além disso, esses dois dias inestimáveis permitiram a muitas unidades, soldados, oficiais e funcionários poloneses a retirada de forma mais ou menos ordenada para a Romênia”.

Andrzej Krajewski, jornalista do Polska Times.

Faltou muito pouco para que a Alemanha perdesse um dos seus mais importantes generais logo no início da guerra. Ele mesmo – Heinz Wilhelm Guderian (1888-1954) – descreve os eventos que quase o alijaram dos combates, em seu livro *Panzer Líder*: “No dia 1º de setembro, todo o [19º] Corpo deslocou-se para a fronteira. Um espesso nevoeiro cobria toda a área de operações, o que impedia a obtenção de qualquer apoio da força aérea. Acompanhei a 3ª Brigada Panzer [(general Horst Stumpff, 1887-1958)], na primeira vaga, até a região ao norte de Zempelburg [atual Sępólno Krajeńskie], onde se apresentaram as primeiras resistências. Infelizmente, a artilharia pesada da 3ª Divisão Panzer [(general Leo Geyr von Schweppenburg, 1886-1974)], recebeu ordem de abrir fogo apesar do nevoeiro, embora houvesse sido determinado que não o fizesse. Um primeiro tiro caiu 50 metros à frente do meu carro-comando e um segundo 50 metros atrás. Calculei que o próximo seria diretamente onde me achava e ordenei ao motorista

que mudasse de direção e se afastasse lateralmente. O inusitado estrondo dos tiros, porém, fê-lo tão nervoso que ele atirou [o veículo] a toda a velocidade dentro da valeta da estrada. O eixo dianteiro do meia-lagarta encurvou-se de tal modo que o mecanismo da direção se inutilizou totalmente. Assim estava terminado o meu movimento”.

Só faltou acrescentar, “naquele dia”. Porque os movimentos de Guderian se estenderam até dezembro de 1941, quando foi dispensado por Hitler diante do fracasso às portas de Moscou. Até isso acontecer, Guderian só colecionou vitórias, as primeiras alcançadas na Polônia em setembro de 1939.

Seu 19º Corpo de Exército, composto por duas divisões motorizadas (a 2ª, de Paul Bader, 1883-1971² e a 20ª, de Mauritz von Wiktorin, 1883-1956), e uma Panzer (a 3ª, de Geyr von Schweppenburg), integrava o 4º Exército, do general Günther Adolf Ferdinand Hans von Kluge (1882-1944). Subordinado ao Grupo de Exércitos Norte, responsável pela região do Corredor de Danzig no noroeste da Polônia, o 19º Corpo tinha por objetivo atacar em direção ao rio Vístula, o maior curso d’água da Polônia, envolver e liquidar o maior número possível de tropas polonesas, antes que essas conseguissem recuar para a margem leste do rio, algo que, aliás, constituía o cerne de todo o Fall Weiss, o plano de operações alemão contra os poloneses.

Deste modo, duas grandes massas de tropas – o Grupo de Exércitos Norte, sob o comando do general Moritz Albrecht Franz Friedrich Fedor von Bock (1880-1945), e o Grupo de Exércitos Sul, comandado pelo general Karl Rudolf Gerd von Rundstedt (1875-1953), irromperam pela fronteira da então jovem Segunda República Polonesa, a 1º de setembro de 1939, alinhando 66 divisões, seis brigadas, nove mil canhões, 2.750 tanques, 2.315 aviões, mais três divisões eslovacas, totalizando dois milhões de homens.

Em apoio, quatro frotas da Luftwaffe (*Luftflotte*), mais unidades navais. Guardando as fronteiras ocidentais estava o Grupo de Exércitos “C”, do general Wilhelm Josef Franz Ritter von Leeb (1876-1956) com seu 1º (general Job Wilhelm Georg Erdmann Erwin von Witzleben, 1881-1944), 5º (general Curt Liebmann, 1881-1960) e 7º (general Friedrich Karl Albert Dollmann, 1882-1944) exércitos, totalizando 50 divisões mal armadas e com treinamento incompleto, apenas 23 delas realmente da ativa.

Se o general Maurice Gustave Gamelin (1872-1958), comandante-em-chefe do Exército Francês tivesse mobilizado apenas parte das suas 40 divisões acantonadas na fronteira do Vosges (incluindo uma blindada e três mecanizadas,

² Alguns autores creditam a participação da 10ª Divisão Panzer, do General Ferdinand Schaal (1889-1962), junto às forças de Guderian, no lugar da 2ª Motorizada. Ocorre que ao tempo da invasão à Polônia, essa divisão ainda estava em processo de formação em Praga, recebendo suas sub-unidades das 20ª e 29ª motorizadas e 3ª Ligeira. Mesmo antes de integrada, a divisão figurou nos quadros de combate da Wehrmacht – acrescida do 7º Regimento Panzer, da 4ª Brigada Panzer e unidades das Waffen SS – como elemento de reserva do Grupo de Exército Norte, juntamente com as 73ª (general Dr. Friedrich von Rabenau, 1884-1945), 206ª (general Hugo Höfl, 1878-1957) e 208ª (general Moritz Andreas, 1884-1964) divisões de infantaria. No dia 8 de setembro de 1939, a 10ª Panzer, até então na reserva do 3º Exército, substituiu a 2ª Motorizada ([https://en.wikipedia.org/wiki/10th_Panzer_Division_\(Wehrmacht\)](https://en.wikipedia.org/wiki/10th_Panzer_Division_(Wehrmacht))); GUDERIAN, Heinz. Panzer Líder. Rio de Janeiro, Brasil: Biblioteca do Exército Editora, 1966, pág. 76).

é bem provável que teria complicado bastante a vida dos alemães na Polônia. Mas o máximo que conseguiu foi proceder patrulhas de exploração – destacadas de algumas das 15 divisões que estavam realmente em prontidão (alguns historiadores falam em somente nove) – que penetraram apenas sete quilômetros Alemanha adentro, tomando algumas cidades (Saarloui, Saarbrücken e Zweibrücken e alguns vilarejos que logo foram desocupados), com a perda de dois mil homens e quatro tanques.

Ao contrário do grandiloquente comunicado de Gamelin sobre as “renhidas oposições alemãs”, emitido em 10 de setembro, não houve “resistência vigorosa” por parte dos germânicos. O historiador William Shirer, afirma: “Depois das escaramuças, quase sem derramamento de sangue, [os alemães] retiraram-se para a linha Siegfried. E os reforços de “grandes e novas formações [alemãs, alardeadas por Gamelin] eram nove divisões de reserva, incapazes, naquele momento, de travar batalhas sérias. Nenhuma divisão e nenhum tanque ou avião dos alemães foi desviado da Polônia para reforçar a frente oeste”. Ao preço de 196 mortos, 356 feridos, 114 desaparecidos e 11 aeronaves destruídas, os alemães puderam se dedicar à liquidação do estado polonês sem o desconforto de ter de empreender uma luta de verdade na fronteira francesa.

Com a pantomima dos Aliados a oeste, a Polônia se viu sozinha. Apesar da aliança de defesa estabelecida com o Exército Francês e com o governo britânico em 1939, logo ficou claro para Varsóvia que nem Paris e nem Londres agiriam de modo a aliviar o peso do Exército Alemão sobre seu território. Deste modo, entre um milhão e 1,5 milhão de homens, distribuídos por 39 divisões e 16 brigadas, armados com 4.300 canhões, 210 tanques, 670 tanquetes (veículos leves, blindados) e 800 aviões foram desdobrados de acordo com o “Plano Operacional Oeste” (*Plan Operacyjny Zachód*).

Durante um bom tempo, militares e políticos poloneses travaram um tenso diálogo sobre como melhor defender o país dos alemães. Os militares entendiam que, em vez de tentar a defesa de toda a linha de fronteiras, o mais viável seria estabelecer linhas defensivas mais para o interior do país, apoiadas nos rios que serviriam como posições naturais de defesa. Os políticos, entretanto, achavam que se a Polônia cedesse imediatamente parte do seu território, notadamente a Cidade Livre de Danzig, o Corredor Polonês e a Silésia, os alemães poderiam simplesmente pressionar pelo fim dos combates consolidando seus ganhos. Considerações estratégicas também falavam a favor da defesa na fronteira. As regiões ocidentais eram densamente povoadas e possuíam grandes centros industriais, cruciais para a produção militar contínua de equipamentos e suprimentos para o exército. Os poloneses não sabiam que o destino que os alemães reservavam a eles incluía a extinção de qualquer sentido de nação polonesa, o que, por si só, inviabilizava qualquer ideia de cessação de hostilidades por parte dos alemães tão logo eles conquistassem territórios poloneses.

O *Zachód*, criado e lapidado entre junho e agosto de 1938 e revisto em março do ano seguinte, partia do princípio de que o ataque do inimigo se daria em operações simultâneas de flanco, que seguiriam em várias direções, as principais Varsóvia, Łódź, Cracóvia, Kutno e Modlin. “A ideia norteadora da defesa polonesa era infligir perdas importantes à Alemanha e defender certas áreas necessárias para a

continuidade da guerra”, afirma Paweł Sztama, historiador, doutor pela Universidade Maria Curie-Skłodowska, de Lublin, e membro do Instituto da Memória Nacional (*Instytut Pamięci Narodowej*, IPN). “Portanto, pelo menos nos estágios iniciais da guerra, estavam previstas ações defensivas”.

Tal defesa seria tarefa dos nove exércitos de campo – Karpaty (Cárpatos), Kraków (Cracóvia), Lublin, Łódź, Modlin, Pomorze (Pomerânia), Poznań, Prusy (Prússia) e Warszawa (Varsóvia) –, nomeados de acordo com a região sob sua responsabilidade ou cidade-sede que abrigava seus QG's, suplementados pelo chamado Grupo Independente Operacional (*Samodzielna Grupa Operacyjna*, SGO), uma variação polonesa do corpo de exército, mais flexível e com grande capacidade de absorver e integrar elementos de unidades desbaratadas em batalha e ainda assim manter sua coesão.

Havia também seu similar de Ulanos, o Grupo de Cavalaria Operacional (*Grupa Operacyjna Kawalerii*, GOK). Dessas formações, a Polônia alinhava três SGO's (Narew, Polesie e Wyszków) e quatro GOK (Abraham, Anders, 1º e 2º grupos). Os números poloneses por si só não eram vistosos e, comparados ao ciclone que atravessava suas fronteiras, principalmente no tocante à qualidade, eles empalideciam.

DEFENDER WIZNA... COM O QUE?

Cada “exército” polonês dispunha de algo entre duas a cinco divisões de infantaria, uma ou duas brigadas de cavalaria, de três a cinco esquadrões de artilharia, entre duas e quatro companhias de tanques, entre dois e cinco esquadrões aéreos, mais outros serviços, totalizando entre 60 mil a 100 mil homens cada. Com a dotação máxima de soldados por unidade no Exército Alemão de 1939, cada divisão abrigava 17.700 homens. E só no 4º Exército, de Kluge, havia nove, somando 159.300 soldados e oficiais.

Assim, se para Cartier, as forças de Hitler formavam um “exército nascido ontem”, o Exército Polonês nascera quase no momento da irrupção dos combates. Cinco dos nove “exércitos” – Kraków, Łódź, Modlin, Pomorze e Poznań – haviam sido criados a 23 de março; o Karpaty, a 11 de julho, em virtude da tomada da Tchecoslováquia pelos nazistas e da formação do Estado-fantoche da Eslováquia. O Prusy, em agosto, como reserva estratégica. O Lublin foi formado no quarto dia da guerra, tendo como núcleo a 2ª Brigada Blindada Motorizada de Varsóvia, do general Stefan Paweł Rowecki, codinome “Grot” (1895-1944)³, engrossado por unidades dispersas e sem comando concentradas ao redor das cidades de Lublin, Sandomierz e regiões ao norte do rio Vístula. Mas talvez o que espelhe melhor o despreparo dos poloneses para o tipo de guerra que Hitler havia inaugurado, foi o fato de que somente a 8 de setembro, mais de uma semana depois do início do conflito, é que o alto-comando mandou criar um “exército”, o Varsóvia, para defender a capital. Era corrente entre as mentes do oficialato polonês que a capital

³ Rowecki foi o segundo comandante do Armia Krajowa, o Exército Nacional Subterrâneo Polonês; preso pela Gestapo, foi internado no campo de Sachsenhausen e executado por ordem pessoal de Himmler pouco depois do Levante de Varsóvia (Mariano, J. A. Enquanto formos vivos, a Polônia não perecerá: a Polônia nos campos de batalha da II Guerra Mundial, São Paulo, Brasil: T&T, Menno, 2020, pág. 357).

estaria protegida dos primeiros combates terrestres (os aéreos começaram logo no dia 1º) uma vez que distava 435 km da fronteira alemã, o que daria tempo suficiente para que o avanço alemão fosse retardado pelas unidades à oeste da capital e defendida eficazmente quando o inimigo chegasse aos seus portões.

A questão era: ser defendida com o que? Obviamente com o material humano remanescente dos duros combates travados até então. Tropas dispersas, desarticuladas, mas com alguma capacidade de combate e ainda suficientemente armadas foram emassadas para tentar salvar a capital, numa demonstração da ingenuidade dos poloneses, certos de que conseguiram frear o avanço dos alemães ao longo de suas fronteiras, algo que a maioria dos estados-maiores ocidentais, aliás, também acreditavam ser possível.

Estimativas menos otimistas davam conta de que o Exército Polonês conseguiria suportar a pressão alemã por pelo menos seis meses, mas uma semana após o início dos combates, Guderian já estava nos arredores de Wizna, a 390 km de seu ponto de partida em Gross Born (atual Borne Sulinowo), na Pomerânia Ocidental, a menos de 100 km da fronteira soviética. Na área de Wizna, o criador das *Panzerwaffe* se deparou com uma série de fortificações que o irritaram mais do que atrasaram, mas que, de qualquer modo, lhe custariam o cumprimento do seu apertado cronograma de avanço, caso ele se demorasse demais por lá.

A defesa do setor estava a cargo do Exército Modlin, comandado pelo general Emil Krukowicz-Przedrzymirski – ou Emil Karol Przedrzymirski de Krukowicz (1886-1957) –, cuja missão consistia em defender os acessos setentrionais à capital, as fronteiras da Prússia Oriental, próximo a Mława e, depois de fazer os alemães sangrarem, retirar-se em direção ao rio Narew. Com duas divisões e meia de infantaria (28 batalhões), duas brigadas de cavalaria (37 esquadrões), Krukowicz estava armado com 180 peças de artilharia, 12 canhões antiaéreos, o trem blindado (*pociąg pancerny*. PP n.13) e 28 aeronaves.

Como apoio, mas não sob seu comando, Krukowicz contava ainda os SGO's Narew e Wyszków. Caso o inimigo lançasse seu principal ataque na direção de Modlin, o Wyszków, como reserva estratégica do comando, deveria contra-atacar a partir de sua linha no Narew. Se os alemães tivessem o rio como alvo, o SGO deveria empreender a defesa do mesmo. O comando inicial foi confiado ao general Stanisław Eugene Skwarczyński (1888-1981). Mas seu estado de saúde, sobretudo suas faculdades mentais, estavam em franca deterioração, de tal modo que ele não pôde assumir a liderança, que passou a ser exercida pelo general Wincenty Kowalski (1892-1984).

A principal unidade de batalha do SGO era a famosa 1ª Divisão de Infantaria das Legiões Polonesas, as quase míticas formações de uma Polônia que não existia nos mapas em 1914, e que foram a gênese de todo Exército Polonês até os dias atuais. Criada em fevereiro de 1919, a divisão estava entre as mais experientes e bem equipadas e seu prestígio vinha tanto dos combates travados nas guerras contra ucranianos e russos, como por ter sido comandada pelo marechal Edward Śmigły-Rydz (1886-1941), comandante-chefe do Exército Polonês em 1939. Naquele ano, seu comandante era o próprio Kowalski, que acumulava, portanto, um duplo comando. As outras duas divisões eram da reserva: a 41ª, do general Wacław

Piekarski (1893-1979)⁴, e a 35^a, do coronel Jarosław Adam Bolesław Szafran (1895-1940)⁵. O PP nº 55 “Bartosz Główacki” e elementos do 2º Regimento de Artilharia Pesada complementavam as forças do SGO.

Posicionado no flanco esquerdo de Krukowicz, o SGO Narew tinha a missão de defender Łomża e Białystok, assim como todo o nordeste do dispositivo de defesa polonês, com suas posições próximas à fronteira lituana, procurando evitar que os alemães cruzassem o Narew e o Biebrza. O comando estava a cargo do general Czesław Młot-Fijałkowski (1892-1944) que contava com a 18^a Divisão de Infantaria, comandada pelo coronel Stefan Kossecki (1889-1940)⁶, a 33^a Divisão (reserva), do coronel Tadeusz Kalina-Zieleniewski (1887-1971), e as brigadas de Cavalaria Podlaska (general Ludwik Kmiecic-Skrzyński, 1893-1972) e Suwalska (general Zygmunt Podhorski, 1891-1960). O 3º Regimento de Infantaria do Corpo de Proteção de Fronteiras (*3 Pułk Piechoty KOP – Korpusu Ochrony Pogranicza*), liderado pelo coronel Zdzisław Aleksander Zajączkowski (1894-1974), complementava as formações de terra.

O componente aéreo era fornecido pela 151^a Esquadrilha de Caça, do tenente Józef Brzeziński (1909-1942), pelo 51º Esquadrão de Reconhecimento, pela 13^a Esquadrilha de Observação (capitão Lucjan Fijuth, 1902-1989) e pelo 9º Pelotão de Ligação. Juntas, as forças de Krukowicz, Kowalski e Młot-Fijałkowski deveriam garantir toda a área norte e nordeste do país, o que significava receber todo o peso do ataque do grupo de exércitos de Rundstedt. O grupo de Młot-Fijałkowski deveria, mais especificamente, defender uma ampla área de até 200 km de frente, por pelo menos 70 de profundidade, com suas bases assentadas nos rios Narew, Biebrza e no canal Augustów, ou seja, bem no eixo da linha de ataque de Guderian.

SEÇÃO WIZNA, DISPOSITIVO DE DEFESA

O problema é que as tropas destacadas para atuar num setor tão grande eram poucas, o que tornaria seu desdobramento esparsos, resultando em, ao tentar defender tudo, não conseguir segurar nada. Młot-Fijałkowski sabia disso. Comandante de várias divisões de infantaria no período entre guerras, Młot (martelo) – apelido que ganhou em 1914 quando comandou companhia, pelotão e batalhão do 5º Regimento das Legiões Polonesas – decidiu cobrir as direções principais que, julgava, fariam os alemães. A Kossecki, ordenou que defendesse a linha Ostrołęka-Nowogród-Łomża.

⁴ A 41^a DI foi a unidade onde primeiro se distinguiu o capitão Witold Pilecki “Witold” (1901-1948), notável oficial polonês, que se deixou capturar e ser enviado a Auschwitz do qual conseguiu escapar para relatar o morticínio industrial perpetrado pelos nazistas; mais tarde foi capturado e executado pelos soviéticos (Mariano, J. A. Enquanto formos vivos, a Polônia não perecerá: a Polônia nos campos de batalha da II Guerra Mundial, São Paulo, Brasil: T&T, Menno, 2020, pág. 172).

⁵ Szafran foi preso pelos soviéticos em 1940; ele estava no acampamento de Starobelsk, de onde partiram vários comboios com patriotas poloneses que foram assassinados em Katyń, pelo NKVD; foi posteriormente promovido a general (https://pl.wikipedia.org/wiki/Jarosław_Szafran).

⁶ Kossecki também foi assassinado pelos soviéticos nas mesmas circunstâncias de Szafran; também foi promovido postumamente a general (https://en.wikipedia.org/wiki/Stefan_Kossecki).

Em princípio, ele manteria concentrada a Podlaska (Kmicic-Skrzyński) no intuito, talvez, de explorar alguma brecha ou oportunidade, enquanto ao sul da 18^a (Kossecki), ele posicionou a 33^a (Kalina-Zieleniewski). Na direção leste-nordeste os caminhos que levavam Białystok, a maior cidade da região com 107 mil habitantes, eram cobertos pela seção de defesa “Wizna”, localizada na confluência dos rios Narew e Biebrza, e pelo Forte “Osowiec”. Grodna, na seção “Augustów”, seria defendida pela Brigada de Cavalaria Suwalska (Podhorski).

Sztama: “Portanto, a ala esquerda da SGO Narew permaneceu em contato frouxo com o Exército ‘Modlin’, enquanto a ala direita alcançava a fronteira da Lituânia”. Deste sistema de defesa, a seção Wizna – em homenagem à cidade localizada na margem oeste do Narew – era a porta que Guderian teria de arrombar a fim de marchar rapidamente para o sul e sudeste, chegando a Brześć (atual Brest, Bielorrússia), fechando o cerco à capital. A seção era responsável pela manutenção de um trecho de nove quilômetros, na margem leste do Narew e do Biebrza e se estendia da vila de Kołodzieje à de Maliszewo-Perkusy-Łynki.

A seção de defesa consistia em cerca de 16 *bunkers*, alguns abrigos, valas de tiro, postes e barreiras antitanque e emaranhados de arame farpado. As obras de fortificação começaram em abril de 1939, mês em que Hitler chamou seus generais para apresentar o Fall Weiss. Varsóvia, entretanto, não quis perceber os sinais alarmantes que se avizinhavam. Assim, apesar do árduo trabalho, com dinheiro e tempo escassos, as obras de Wizna não foram completadas a fim de dispor de todos os elementos necessários.

Com efeito, os bunkers, de oito toneladas cada um, foram erguidos no alto das colinas que davam vista para o vale pantanoso do rio Narew. A primeira linha de defesa consistia em dois *bunkers* leves, um em Włochówka e o outro em Grądy-Woniecko, ambas ao sul do braço leste-oeste do Narew. A segunda e principal linha estava dividida em duas subseções por um dique construído em terreno lodoso, por onde trafegava quem pretendesse chegar a Białystok. A subseção norte, denominada “Giełczyn”, dispunha de três *bunkers* e enfeixava a defesa que ia de Kołodzieje até Giełczyn. A subseção sul, “Góra Strękowa”, com outros três *bunkers*, defendia o setor entre esta cidade e Maliszewo-Perkusy-Łynki.

“Esses bunkers eram estruturas de concreto armado com paredes de 1,5 m de espessura, com cobertura de aço de 20 cm e altura de 1,2 m. Cada bunker possuía uma cúpula móvel blindada, acessada por um poço interno”, acentua Sztama. A linha principal de defesa foi complementada com oito pequenos abrigos, dotados de metralhadoras, protegidos principalmente por sacos de areia. “Quatro foram construídos de Kołodzieje, e os demais na linha Maliszewo-Perkusy-Łynki e Kurpiki; no dique, não muito longe da vila de Sulin-Strumiłowo, também foram construídos dois abrigos leves de combate – ‘filhotes de urso’ –, cuja tarefa era fechar com metralhadoras pesadas a estrada que levava a Białystok”. Havia ainda planos de explodir as barragens do Biebrza e do Narew, no intuito de inundar a área, mas o verão de 1939 foi uma das estações mais secas da história da Polônia e o nível da água estava muito baixo. Da forma como foram dispostos, os *bunkers* poderiam suportar pesado bombardeio e rechaçar qualquer assalto que viesse dos pântanos ou pela ponte do Narew. Em tese.

Embora o sistema fosse bem pensado, Wizna sofria de várias deficiências que deveriam ter sido corrigidas antes da tempestade. Uma delas tinha relação com a guarnição dos abrigos. Wizna era a sede da 3ª Companhia do Batalhão de Metralhadoras Pesadas do Forte Osowiec e uma bateria de artilharia posicional. Em 1º de setembro, a seção foi reforçada com o 3º Batalhão (major Jakub Fober *†-NI) do 71º Regimento de Infantaria (tenente-coronel Adam Soroka Zbijewski, *†-NI). Mas, no dia seguinte, o batalhão foi retirado da seção e substituído pela 8ª Companhia de Fuzileiros do 135º Regimento de Infantaria, do tenente-coronel Tadeusz Tabaczyński (1896-1971).

Quando os combates começaram, a seção contava então com a 8ª Companhia, um pelotão de batedores montados (ambos de 135º), uma sub-companhia de artilharia de infantaria, um pelotão de engenheiros de combate (ambos de 71º), a 136ª Companhia de Sapadores (da reserva), a bateria de artilharia posicional, a 3ª Companhia do batalhão da Osowiec e um pelotão de metralhadoras pesadas wz .30 (*ckm: ciężki karabin maszynowy wz. 30'*).

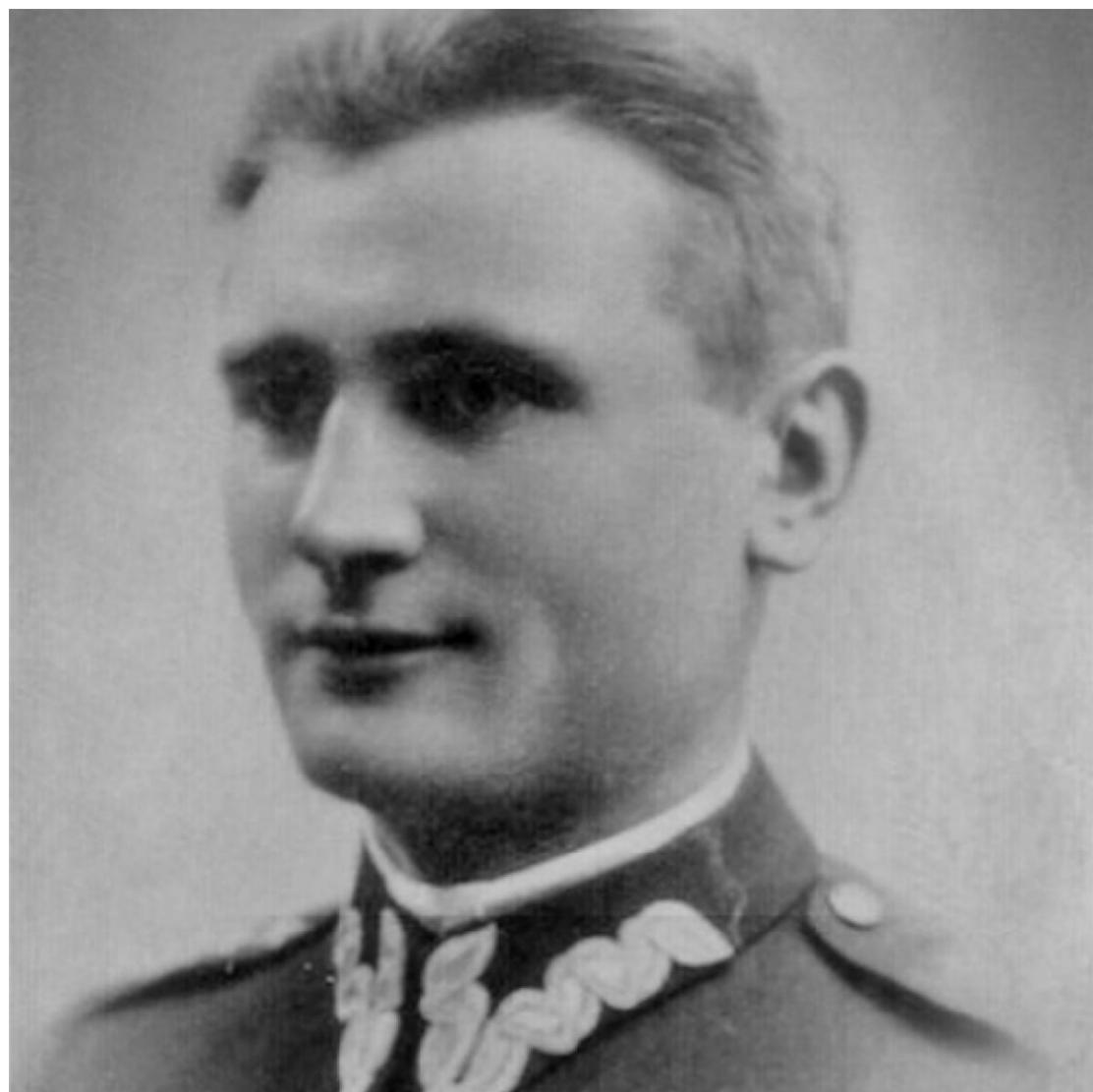
As armas alocadas para o setor, outra falha que não foi corrigida, consistia em seis canhões de 76 mm, de 1902, 24 metralhadoras pesadas, 18 submetralhadoras e dois rifles antitanque, com apenas 20 tiros. Para enfrentar unidades blindadas como as que seriam despejadas sobre Wizna, era essencial que os defensores dispusessem de mais armas anticarro ou artilharia suficiente. Mas isso também não ocorreu. Assim, o plano de batalha de Wizna desdobrou:

- Um pelotão de infantaria e três equipes de ckm para a posição de Sulin-Strumiłowo, sob o comando do tenente Jan Zawadzki (*†-NI);
- Um pelotão e uma equipe de infantaria com seis submetralhadoras, comandados pelo tenente Witold Kiewicz (1909-1977), para Giełczyn;
- Três equipes de metralhadoras, uma de infantaria e um pelotão de engenheiros do 71º Regimento, em Włochówka, tendo à testa o tenente Lucjan Kamiński (*†-NI);
- Seções da 8ª Companhia e equipes de metralhadoras, sob o comando do capitão Wacław Szmidt (1908-†NI), em Maliszewo-Perkusy-Łynki;
- Uma equipe de ckm, em Grądy Woniecko, comandada pelo tenente N.N.⁷ Przybylski (*†-NI);
- Todas as demais tropas, sob o comando do capitão Władysław Reginis (1908-1939), em Kurpiki e Góra Strękowa (GG-126), sede do dispositivo de Wizna.

Além de sua missão principal, as tropas estacionadas em Wizna teriam de proceder patrulhas de reconhecimento até Jedwabne, a noroeste, na margem ocidental do Narew, e de Kołodzieje até Grądy Woniecko, ao sul, na margem oriental.

⁷ N.N. (*nieznany*): prenome desconhecido.

A 2 de setembro, tão logo recebeu ordens para se retirar de Wizna com seu 3º Batalhão, o major Fober passou o comando da seção para o capitão Reginis. Aos 31 anos, Reginis tinha pela frente o maior desafio de sua carreira desde que se formara na Escola de Oficiais de Infantaria de Komorów, em 1927. Nascido em Daugavpils (hoje Letônia), ele provinha de uma família de proprietários de terras com tradições patrióticas.



Capitão Władysław Reginis (Fonte: <https://bit.ly/2XAg3IY>).

Depois de Komorów, ele continuou seus estudos na Escola de Infantaria de Oficiais, onde formou-se em 1930 como segundo-tenente. Mais tarde, serviu no 76º Regimento de Infantaria "Ludwik Narbutt", em Grodno, como comandante de pelotão. Em 1934, por suas habilidades de comando acima da média e talento tático, foi promovido ao posto de tenente, e passou a atuar como professor-instrutor na mesma escola em que se formou.

Nos vários anos de trabalho didático, Reginis foi reconhecido como um professor ponderado, de ótima didática, tendo sido muito elogiado por seus superiores. Um ano antes da guerra, foi promovido ao posto de capitão por antiguidade e, como

vários dos seus colegas, percebia que sua competência técnica na sala de aula logo seria colocada à prova em campo. Quando 1939 chegou, as coisas se precipitaram. Em agosto, Reginis foi destacado como comandante de pelotão da 4ª Companhia de Metralhadoras Pesadas, sob o comando do major Zygmunt Reliszko (*†-NI), unidade do Batalhão Sarny, do KOP (Corpo de Proteção de Fronteiras), acantonada na cidade do mesmo nome, a noroeste de Lublin.

Pelo KOP passaram vários oficiais que se tornaram quase lendas no Exército Polonês, entre eles os generais Rowecki e August Emil Fieldorf (1895-1953), este, como aquele, assassinado pelos soviéticos. Tratava-se de uma formação de elite, especialmente treinada e preparada para lutar em condições excepcionais, a partir dos fortes que ocupavam, sem previsão de receber auxílio imediato. Seus soldados, escolhidos a dedo, deviam se mostrar poloneses natos, patriotas, não podiam ser simpatizantes comunistas, ter família na URSS e nem ter sido punidos por crimes contra o Estado. Isso foi ditado pelas características dos combates nas fortificações, que exigiam alto moral das guarnições.

O Batalhão Sarny era uma das principais unidades do KOP e seu comandante, à época, era o tenente-coronel Nikodem Sulik (1893-1954), futuro general comandante da 5ª Divisão de Infantaria Kresowa, de destacadada atuação na campanha da Itália, notadamente em Monte Cassino (1944). Subordinado a Sulik, Reginis passou a comandar a 3ª Companhia do Batalhão de Metralhadoras Pesadas, do Regimento KOP "Sarny", quando foi transferido para o Forte Osowiec. Era 27 de agosto. Seis dias depois, o tenente-coronel Tabaczyński, comandante do Forte Osowiec, lhe ordenava assumir o comando dos 700 soldados e 20 oficiais de Wizna. Não havia reservas.

ORDENS DE BATALHA

Batalha de Wizna, 7-10 de setembro de 1939, Exército Polonês, Ordem de Batalha

12 bunkers, 6 canhões de 76 mm, 24 metralhadoras pesadas, 18 submetralhadoras e dois rifles antitanque Kb Ppanc Wz.35 de 7,9 mm; 720 homens

Grupo Operacional Independente Narew - General Czesław Młot-Fijałkowski

◆ Setor de Defesa de Área "Wizna": Capitão Władysław Reginis

- 3ª Cia. do Batalhão de Metralhadoras Pesadas do Forte Osowiec: Capitão Władysław Reginis
- 8ª Cia. do 135º Regimento de Infantaria - Capitão Waclaw Szmidt (ou Schmidt)
- 136ª Cia. de Sapadores: Capitão Tadeusz Jurowski
- Bateria de Artilharia: Tenente Stanisław Brykalski
- Pelotão de Engenheiros de Combate do 71º Regimento de Infantaria: Tenente Witold Bielecki
- Pelotão de Batedores Montados do 135º Regimento de Infantaria: Cabo Józef Oleksy
- Subcia. de Artilharia de Campo do 71º Regimento de Infantaria

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Wizna

Batalha de Wizna, 7-10 de setembro de 1939, Exército Alemão, Ordem de Batalha

350 tanques, 108 obuses, 58 peças de artilharia, 195 armas antitanque, 108 morteiros, 288 metralhadoras pesadas e 689 submetralhadoras; 42 mil homens

Grupo de Exércitos "Norte" – General Fedor von Bock

◆ 4º Exército - General Günther von Kluge

- 19º Corpo de Exército - General Heinz Guderian
 - * 3ª Divisão Panzer - General Leo Geyr von Schweppenburg
 - * 2ª Divisão Motorizada - General Paul Bader
 - * 20ª Divisão Motorizada - General Mauritz von Wiktorin

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Wizna

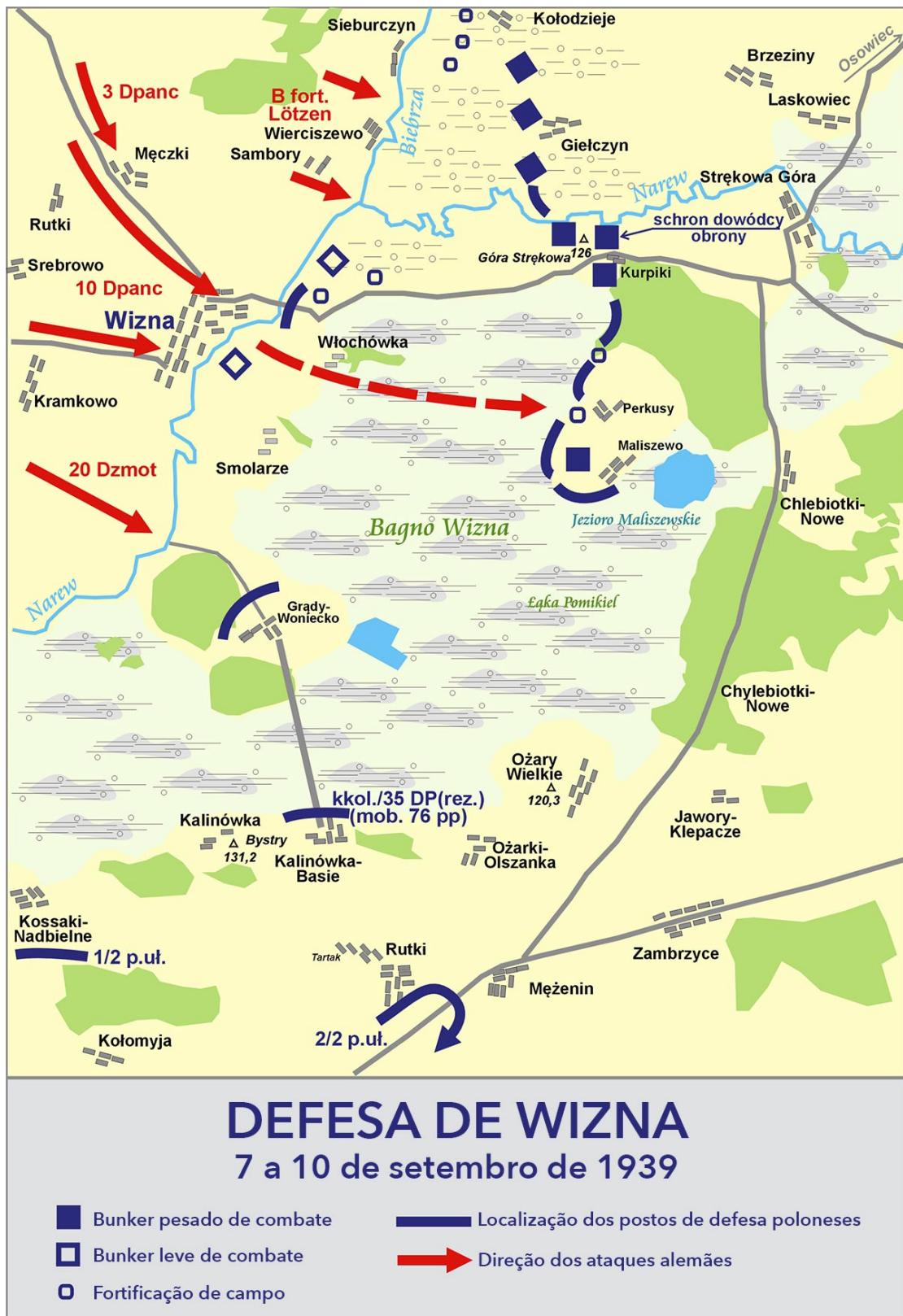
POUCA AÇÃO TERRESTRE, ATAQUES AÉREOS

Entre os soldados, estavam os do capitão Szmidt. De modo geral, os quatro oficiais e 222 soldados de sua 8ª Companhia estavam, segundo o próprio comandante, em bom estado físico. “O moral, entretanto, estava muito baixo”, apontou o capitão em seu relatório de campanha, escrito em novembro de 1945. A maioria dos fuzileiros era idosa, destinada ao serviço nos fortes, que não haviam passado pelo treinamento que os soldados do KOP experimentaram. Eram bielorrussos ou originários das áreas comunistas de Białystok, Grodno e Wołkowysk, com especial simpatia pela Polônia e seu exército, mas ainda assim não uma tropa que pudesse ser chamada de aguerrida. No dia 2 de setembro, dois bielorrussos desertaram.

Até um dia antes da invasão alemã, a companhia estava construindo ou tentando melhorar as fortificações no rio Biebrza. Na madrugada de 31 de agosto, Szmidt recebeu ordens do major Stanisław Knapik (*†-NI), comandante do 3º Batalhão do 135º Regimento (Tabaczyński), ao qual sua companhia estava subordinada, de que deveria deslocar sua unidade para a área de Strękowa Góra, reforçando a seção Wizna. Szmidt chegou ao seu destino às 02h00 da madrugada do dia 1º.

Pouco mais de duas horas e meia mais tarde, as primeiras unidades alemãs atravessavam a fronteira e infletiam rápidas pelo interior da Polônia. Esporeando seus tanques ao norte, Guderian tinha a oportunidade de pôr em prática suas teses, avançando rapidamente e submetendo seus homens a um ritmo de ataque até então nunca visto. Se para um exército mais bem preparado já seria muito difícil lidar com aquela guerra fluída, dinâmica, que não ocupava posições estáticas, levadas pelos veículos de Guderian à Polônia, para um exército como o polonês, ainda preso às táticas de batalha da I Guerra, isso seria quase impossível. Se serve de consolo, franceses e britânicos também engoliram o mesmo veneno.

No dia 2 de setembro, já empossado como comandante do setor, Raginis instalou seu posto de comando no *bunker* GG-126, perto de Góra Strękowa, localizado em uma colina no centro exato das linhas polonesas. Um retângulo com bordas arredondadas, o *bunker* era composto por oito câmaras, destinadas a tarefas variadas, como paiol, posições de armas, serviços administrativos.



Mapa da batalha (Imagem: Lonio17/Wikimedia Commons/ CC BY-SA 4.0).

Até então, as notícias que chegavam até Wizna era a de que pequenas unidades da infantaria alemã haviam cruzado a fronteira da Polônia, confiscado o gado e queimado fazendas. Mas a guerra de aniquilação orquestrada por Hitler já cobrava

seus tributos e estes eram muito maiores e mais caros do que bovinos e sítios. A 340 km a sudoeste de Wizna, os alemães estabeleciam o padrão do que seria o bombardeio de terror que, anos mais tarde, provariam com muito mais violência e amargor. “O golpe aéreo inicial vibrou sobre os civis de Wieluń (sudoeste de Lódz) às 04h40, na forma de 29 Junkers Ju 87B Stuka do Esquadrão de Bombardeiros de Mergulho 76 (Sturzkampfgeschwader), sob o comando do capitão Walter Sigel (1906-1944).

Decolando do aeródromo de Nieder-Ellguth, em Strzelce, os alemães descarregaram 29 bombas de 500 kg e 112 bombas de 50 kg sobre a cidade. Um dos primeiros lugares atingidos foi o hospital, que provavelmente tinha marcas da Cruz Vermelha, matando 32 pessoas e, depois que o hospital começou a arder, os alemães atacaram os pacientes que tentavam escapar do fogo. Os próprios pilotos relataram ‘céu azul’ durante o ataque e a completa ausência de oposição”.

Por seu turno, o inquieto comandante do SGO Narew, Młot-Fijałkowski, decidiu que não ia aguardar sentado até o fogo lambre os traseiros dos seus homens. Tentando levar a guerra ao inimigo, ele ordenou uma incursão ao território alemão. Para tanto, emitiu ordens à 33ª Divisão (Kalina-Zieleniewski) para que essa conduzisse a razia. Kalina-Zieleniewski repassou a ordem a Tabaczyński que a fez chegar ao major Stanisław Nowicki (1896-1964), soldado originário do KOP, comandante do 1º Batalhão.

Na noite de 2 de setembro, as subunidades do batalhão partiram em marcha acelerada pela floresta de Ruda, para Prostki, através de Grajewo e Bogusza. Após a saída de Grajewo, a 3ª Companhia, do tenente Władysław Sadowski (*†-NI), tomou o lado leste da estrada, contornando Bogusza e Piostek. Em seguida, um pelotão, sob o comando do tenente N.N. Pakła (*†-NI), foi destacado, com a tarefa de atacar a estação ferroviária. As forças restantes marcharam ao longo da estrada Grajewo-Prostki para assaltar o posto avançado inimigo numa fazenda em Bogusza. O ataque se daria à meia-noite de 2 para 3 de setembro.

Os alemães foram pegos totalmente de surpresa. Não era de esperar que os poloneses se atrevesssem a atacar os invasores em seu território quando o próprio solo polonês estava sendo violado. “Prostki foi atacada e capturada após uma curta luta”, afirma o coronel dr. Zygmunt Kosztyła (1929-1987), em artigo publicado no *Anuário Białystok*, 1966. “Assim que o combate cessou, Tabaczyński chegou ao local, ordenou completa e imediata retirada para a floresta de Ruda”. Como resultado da operação, mais de 20 soldados alemães foram mortos e feridos (inclusive um comandante de companhia), vários veículos e motos destruídos, bem como o equipamento da estação ferroviária, dos correios, da alfândega e do edifício-sede da Guarda de Fronteira (“Grenzschutz”). As perdas polonesas totalizaram apenas dois feridos e três desaparecidos. Esta foi uma das quatro operações ao longo da fronteira, entre os dias 2 e 4, levadas a termo por Młot-Fijałkowski⁸ que se converteu no único general polonês a levar combate ao território alemão, algo que só voltaria a ocorrer em janeiro de 1945, quando as

⁸ Młot-Fijałkowski foi feito prisioneiro pelos alemães, passou por vários campos de prisioneiros e morreu no Oflag (Offizier-Lager) VII-A Murnau am Staffelsee, sul da Alemanha, em 17 de abril de 1944 (https://en.wikipedia.org/wiki/Czesław_Młot-Fijałkowski).

tropas do 1º Exército Polonês, do general Stanisław Gilyarovich Popławski (1902-1973), atacaram a fortaleza da Pomerânia.

Até o mais aceso dos combates, as tropas das três grandes unidades ao norte-nordeste de Varsóvia – Modlin, Narew e Wyszków – viram pouca ação terrestre, mas logo foram apresentadas ao bombardeio aéreo. Caças alemães, em operações de apoio, atacaram as posições polonesas no dia 3. A aviação polonesa, pressionada em vários outros setores, praticamente inexistia no setor Osowiec-Wizna. Com rifles e metralhadoras apontados para o alto, os soldados do 3º Batalhão (Knapik), conseguiram derrubar um avião alemão. Szmida afirma que, no mesmo dia, patrulhas exploratórias em terra, prenderam alguns sabotadores, sem especificar se alemães ou poloneses. “Ações como essa contribuíram para um clima muito favorável entre os soldados”, admitiu, embora o cenário mais comum, que seria visto pelos próximos seis longos que se iniciavam, eram ondas e mais ondas de refugiados se deslocando para lugares mais seguros.

O desenvolvimento de quaisquer movimentos por unidades do tamanho de regimentos para cima, já começava a ficar dificultado por conta disso. Foi o que sentiu a Brigada de Cavalaria Podlaska (Kmicic-Skrzyński). Após vários ataques ao seu flanco, o comando, receoso de que a unidade pudesse ser envolvida, emitiu ordens para seu recuo em direção a Mały Płock e, de lá, ordenou ainda que atravessasse o rio Narew. Kmicic-Skrzyński procedeu à operação na noite de 4 para 5 de setembro. Szmida: “Em meio a esse caos, testemunhei a disposição de luta e do patriotismo de nossos soldados quando fui abordado por uma delegação de seis civis que, em nome de 380 soldados de Kurpiowska [cidade a 22 km de Wizna], muitos deles suboficiais, pediram armas e tentaram se alistar na unidade; infelizmente, não pude atender ao pleito”.

A retirada da Podlaska do seu setor significava que a guerra estava chegando por terra à Wizna. Depois de tomar o Corredor Polonês, o Corpo Rápido de Guderian fez um amplo movimento em arco pelo interior da Prússia Oriental, à retaguarda do 3º Exército, do general Georg Carl Wilhelm Friedrich von Küchler (1881-1968), agindo quase como uma unidade autônoma já que os outros dois corpos do 4º Exército, de Kluge – o 2º, do general Adolf Strauss (1879-1973) e o 3º, do general Curt Haase (1881-1943), marchavam a direita de Küchler, enquanto Guderian, depois de cruzar a fronteira a alguns quilômetros ao sul Johannisburg (atual Pisz), se colocou à esquerda do 3º Exército. Na noite do dia 4, Guderian já anunciava sua presença, fazendo cair granadas de artilharia – disparadas da altura de Jedwabne, 11 km a noroeste de Wizna – próximo às posições de Ragnis, interrompendo os trabalhos de fortalecimento das fortificações aos quais as tropas estavam entregues.

No dia seguinte, as forças do SGO Narew entravam em combate contra o 3º Exército Alemão próximo a Różan, sudoeste de Wizna. Inicialmente, Młot-Fijałkowski conseguiu segurar o ímpeto do assalto alemão, mas não demorou muito, foi rapidamente envolvido por Guderian. Este ordenou seguidos contra-ataques, suplantando os poloneses do Exército Modlin (Krukowicz) e rumando na direção do Narew a fim de alcançar a própria Różan e Pułtusk. O objetivo era cortar o acesso de eventuais tropas residuais polonesas que tentassem fechar na direção da capital, vindas do norte.

A APROXIMAÇÃO DO 19º CORPO

Enquanto em 5 de setembro ainda era possível parar o ataque inimigo, no dia seguinte a defesa polonesa quebrou. O comandante-em-chefe, marechal Śmigły-Rydz, ordenou que a unidade do SGO Wyszków, sob Kowalski (as 1ª e 41 de Infantaria, essa última do general Piekarski), então estacionadas nos subúrbios de Pułtusk e Różan, mantivessem o setor seguro de modo que uma retirada para o oeste, na direção do Narew, pudesse ser realizada caso a pressão do inimigo não fosse contida.

Mesmo antes da ordem do alto-comando chegar, Piekarski já estava engajado em pesados combates na defesa de Różan, contra as tropas do Führungsstab z.b.V. 1 (Kommandostab 1), um corpo de exército destinado ao que os alemães chamavam de “serviços especiais”, sob o comando do general Albert Wodrig (1883-1972), unidade do 3º Exército (Küchler). Entre 5 e 6 de setembro, os poloneses conseguiram repelir todas as sucessivas tentativas de tomada das margens do Narew pelos alemães, que amargaram perdas severas.

Na tarde e noite do dia 6, entretanto, já não foi mais possível segurar as linhas e a defesa polonesa cedeu. As ordens conflitantes do alto-comando – cujos integrantes não conseguiam decidir por uma resistência ativa ou uma retirada progressiva para posições estabelecidas à retaguarda, e que com frequência emitiam ordens discrepantes para as mesmas unidades –, levaram caos ao comando e, consequentemente, a retirada das margens do Narew para o novo local de concentração ao norte de Wyszków.

No mesmo dia, a 41ª foi transferida para o SGO Narew, com o objetivo de retomar Różan. A ela se juntou a 33ª Divisão, do coronel Kalina-Zieleniewski. A unidade partiu em marcha acelerada de Wyszków para Stare Janki, 50 km a sudoeste de Wizna, na região Różan onde também foi designada para SGO “Narew”. Durante a noite, a divisão atacou Różan, mas uma confusão no desenvolvimento da ação fez com que a unidade atacasse na direção errada, para o sul, causando um nó logístico com os trens, colunas de marcha e unidades da 41ª, com seus homens espalhados por grandes espaços, cruzando os setores de Goworowo e Ponikiew Mała, responsabilidades da 41ª. Seu destino foi selado antes mesmo que entrasse em batalha. Os alemães engajaram ambas as divisões em uma ampla frente com armas blindadas, infantaria motorizada e artilharia e rapidamente “fatiaram” as subunidades, liquidando-as em sequência.

Com isso, a batalha imediatamente se transformou em uma série de confrontos individuais onde a coesão foi mantida entre os alemães e estiolada entre os poloneses. Alguns batalhões da 33ª foram cercados, sem possibilidades de avançar, recuar e mesmo manobrar para encontrar alguma brecha. O pânico se instalou entre os homens após uma curta batalha entre os Panzer e os 7TP poloneses. Como resultado, as tropas de ambas as divisões se espalharam, sofrendo pesadas perdas em homens e equipamentos. Kalina-Zieleniewski e Piekarski não conseguiram se falar a fim de alcançar um mínimo de coordenação. Foi uma bagunça...

Batalha de Wizna, 7-10 de setembro de 1939, tanques				
	7TP	Panzer I	Panzer II	Panzer III
Serviço	1935/39	1934/38, 1943	1936/45	1939/43
Qtd. produzida	162	1.659	1.856	5.774
Peso (ton.)	9,9	6	8,9	23
Comprimento (m)	4,6	4,02	4,81	5,56
Altura (m)	2,27	1,72	1,99	2,5
Largura (m)	2,4	2,06	2,22	2,90
Tripulação	3	2	3	5
Blindagem (mm)	17	7-13	5-15	15, 30 ou 50
Alcance (km)	150	175-200	126-190	165
Velocidade (km/h)	37	25/37	39,5	20/40
Armamento	Canhão Bofors 37 mm; Metralhadora, 7,92 mm	2 metralhadoras MG 13, 7,92 mm	Canhão KwK 38 L/55, 20 mm; Metralhadora MG 34, 7,92 mm	Canhão KwK 37, 50 ou 75 mm; 2 ou 3 metralhadoras MG 34, 7,92 mm

Fontes: <https://en.wikipedia.org/wiki/7TP> / https://en.wikipedia.org/wiki/Panzer_I / https://en.wikipedia.org/wiki/Panzer_II / https://en.wikipedia.org/wiki/Panzer_III

Do lado alemão, o comunicado emitido pelo Oberkommando der Wehrmacht informava que as unidades do 3º Exército conseguiram vencer a defesa polonesa em Różan e lançar uma ponte sobre o Narew, cerca de 10 km a leste da localidade, ressaltando que a brecha aberta na linha polonesa deu aos alemães a oportunidade de chegar à retaguarda do Exército Modlin e do SGO Narew. Àquela altura, Guderian já se aproximava pelo norte depois do rompimento da fronteira da Prússia Oriental. Ao alvorecer do dia 7, a primeira e segunda linhas de Wizna já eram alvos de milhares de projéteis de artilharia que caíam à mesma profusão das munições da Luftwaffe que saía em apoio à arremetida. Os canhonaços não impediram os poloneses de continuar suas patrulhas de sondagem a fim de identificar por quais caminhos os Panzer apareceriam.

Mas entre os soldados que guarneциam as casamatas, as coisas se mostram sombrias desde o princípio. Os disparos dos canhões inimigos incendiaram o revestimento dos *bunkers*. Ressecados por conta da estiagem incomum daquele ano, os abrigos se transformaram em fornalhas das quais os homens fugiam procurando refúgio em depressões, buracos, cavidades e baixios no terreno. Como várias das construções não foram concluídas a tempo, muitas não dispunham de ventilação, o que tornavam ainda piores as condições do combate. O moral declinou um pouco mais quando o soldado encarregado de transportar o rancho para as tropas foi alvejado e não havia mais ninguém que pudesse ser dispensado da linha de fogo para substituí-lo. O alimento que sobrara era o que teria de dar.

No dia 7 (alguns historiadores alegam que foi dia 8), o general der Panzertruppe compareceu a uma reunião como o general von Bock, comandante do Grupo de Exércitos Norte. No encontro, ficou sabendo que Bock tencionava subordinar seu 19º Corpo à Küchler, operando em estreita ligação com o flanco esquerdo do 3º Exército e atacar na direção de Orzysz-Łomża, região leste de Varsóvia, evitando ainda que essa grande força ficasse “ensanduichada” entre as unidades de Kluge, o que poderia atrapalhar o comando e controle do 4º Exército, além de facilitar a tomada dos objetivos atribuídos no âmbito do 3º Exército. Guderian, obviamente,

discordou do conceito. “Pareceu-me que uma ‘cerrada ligação’ com um exército à base de infantaria não estava em consonância com a grande mobilidade de minhas tropas. Assinalei que a operação proposta não permitiria explorar devidamente a velocidade das divisões motorizadas, e que uma lenta progressão do 19º Corpo concederia aos poloneses a oportunidade de retrair para leste e firmar-se em uma nova posição defensiva no rio Bug”.

Em vista disso, Guderian sugeriu que suas tropas infletissem na direção de Brześć, passando por Wizna, negando os acessos às margens orientais do Bug aos poloneses. Bock aceitou seus argumentos ordenando que, no máximo até 9 de setembro, o 19º cruzasse o Narew na área de Wizna, depois o Bug e seguisse para Siedlce e Mordy, 100 km a leste da capital, a meio caminho entre esta e Brześć. Guderian conseguiu mais. Apesar de perder a 2ª Motorizada, o 19º incorporou a 10ª Panzer, do general Ferdinand Schaal e ainda agregou, retirada do 3º Exército, a Brigada de Infantaria “Lötzen” (dois regimentos de infantaria, um de artilharia, um de engenheiros de combate e um de reconhecimento), do general Otto-Ernst Ottenbacher (1888-1975) – mas sob comando operacional do coronel Franz Gall (1884-1944) – formada por homens de mais idade destinada às operações de fortaleza.

Guderian dispôs três de suas quatro unidades de modo a atacar em leque e todas com objetivos bem definidos. A Lötzen investiria contra a posição Giełczyn; a 10ª Panzer, contra Wizna e Góra Strękowa e a 20ª Motorizada, atuaria no eixo Niwkowo-Grądy-Woniecko. A 3ª Panzer ficou na reserva. Assim, todo o 19º Corpo, de Guderian, alinhava 42 mil soldados, 450 tanques e armas blindadas, 274 peças de artilharia e 195 armas antitanque. As forças destacadas para o ataque a Wizna, marchariam por uma área de 100 km² de região pantanosa, que deveria constituir uma barreira natural contra o inimigo, mas que com o verão excepcionalmente seco daquele ano, tornou-se quase um campo de provas.

Por volta das 14h00 do dia 7, o capitão Szmidt recebeu uma ligação do tenente-coronel Tabaczyński, do 135º Regimento, alertando-o sobre uma movimentação de tropas alemãs nas proximidades. Por volta das 16h00, tiros provenientes do setor de Jedwabne, foram reportados pelo cabo Józef Oleksy (*†-NI), comandante do Pelotão de Reconhecimento Montado Polonês. Seu relatório alertava “que uma unidade blindada inimiga (carros pequenos) entrara em Jedwabne, e que o seu pelotão de reconhecimento foi dispersado pelo inimigo”. Tratava-se do 90º Batalhão Panzer de Reconhecimento, do tenente-coronel Hans Cramer (1896-1968), unidade da 10ª Panzer, comandada pelo general Stumpff (o general Schaal havia sofrido um acidente) e composta por integrantes da Escola de Cavalaria e Tropas Blindadas de Döberitz-Krampnitz. Sua missão era capturar a ponte sobre o Narew. Os alemães entraram em Jedwabne, atacando a praça do mercado e a rua principal. Na estrada que vai de Jedwabne a Kotowo, foram engajados pelo Pelotão de Reconhecimento. Na refrega, o cabo Oleksy ficou ferido. Os alemães prosseguiram até Boguszki, onde foram bombardeados, mas não detidos. Męczki, a menos de cinco quilômetros do Narew, foi alcançada. Os poloneses tentaram frear o avanço inimigo com um ataque aéreo, sem sucesso.

DEFESA DE WIZNA, DIAS 8 E 9 DE SETEMBRO

Em torno das 17h00, os primeiros veículos de Cramer começaram a atravessar a ponte. Foi quando uma poderosa explosão aconteceu. Por ordem do capitão Szmidt, confirma por Tabaczyński, a ponte foi dinamitada (18,19). Em Włochówka, o cabo Franciszek Pawłak matou todos os desafortunados alemães que conseguiram atravessar a ponte a tiros de metralhadora. “Depois de algum tempo, vimos cerca de 30 veículos na estrada Jedwabne-Wizna, a maioria blindados e *off road*, que se reuniram na parte nordeste de Wizna; ali o inimigo enviou apenas alguns homens num movimento de sondagem e desapareceu; quando um pelotão de artilharia abriu fogo no local onde o inimigo estava agrupado, toda a unidade alemã se retirou em direção à Jedwabne”. Mas voltaram.

Entendendo que sua força talvez fosse pequena demais para ultrapassar o Narew à força, Cramer decidiu apenas ocupar a cidade de Wizna e aguardar a chegada da totalidade da 10ª Panzer. À noite, uma patrulha alemã cruzou o rio e montou guarda ao lado da ponte demolida. Outras missões de reconhecimento, dessa vez da Lötzen, também atravessaram se aproximaram de Giełczyn, mas depois se retiraram para as barrancas do Biebrza. Na noite de 7 para 8 de setembro, os poloneses tentaram explodir o serviço de balsa do Narew a partir de Niwków, a pouco menos de cinco quilômetros ao sul de Wizna. Apesar da tentativa alemã de impedi-los, eles conseguiram destruir a balsa antes de se retirarem. Enquanto o comando alemão decidia se atacaria através de Wizna ou a circundaria, Młot-Fijałkowski foi notificado sobre o crescente número de soldados alemães que chegavam ao seu setor. Sztama: “No entanto, da mesma forma que o Estado-Maior do Comandante Supremo, o general desconsiderou os relatórios recebidos”.

Nem poloneses nem alemães sabiam, mas os dois próximos dias – 8 e 9 – entrariam para a crônica de guerra dos dois países com distintas considerações. As tropas de Schaal, ainda sob o comando de Stumpff, começaram a aparecer em Wizna na manhã do dia 8. O cronograma de Guderian exigia que ele ultrapassasse a seção e seguisse célere para Siedlce, Mordy e Brześć. No início da madrugada, a artilharia pesada dos alemães começou a disparar na direção dos abrigos. Ao mesmo tempo, o apoio aéreo alemão – perto de 12 aeronaves – atingia as defesas de Kurpiki, Góra Strękowa, Giełczyn, Wizna, Wierciszewo e Sieburczyn, precedendo o assalto da 10ª Panzer e da Lötzen, que partiam de Jedwabne.

Enquanto o canhoneio prosseguia, Raginis tratou de brifar seus homens: “Conto com ações ofensivas inimigas pela manhã; quero lembrar aos senhores para que não alertem o inimigo quanto às suas posições, disparando prematuramente; abram fogo a uma curta distância; mantenham seus nervos sob controle”. Às 09h00, chegou o primeiro relatório da posição Giełczyn: “O inimigo está cruzando Biebrza. A infantaria inimiga apareceu em primeiro plano”. De fato, um pelotão de sapadores da Lötzen cruzou o Biebrza, mas um denso nevoeiro desorientou o ataque e toda a pequena unidade foi feita prisioneira pelos homens da Companhia de Engenheiros, a reserva de Raginis, enviada a região depois que o capitão concluiu que o centro de gravidade do ataque alemão estava se dirigindo temporariamente para Giełczyn. Em seguida, a artilharia polonesa, sob o comando do tenente Stanisław Brykalski (1912-1939), se fez presente o bastante para evitar que toda a brigada tentasse cruzar a ponte. Mas não foi o suficiente.

Os canhões alemães assestaram suas armas e atingiram vários pontos de defesa dos poloneses, permitindo que os homens de Guderian avançassesem. Apoiados por morteiros, os alemães lançaram um ataque a Włochówka, sudoeste de Wizna, onde foram freados por fogo de metralhadoras, e a Smolarze, que a exemplo de Włochówka já ardia em chamas. Os dois pontos de resistência não mais podiam operar , algo que não chegava a surpreender Reginis. Os primeiros relatórios que chegavam às suas mãos logo pela manhã, davam conta de que as colunas de ataque alemãs eram esmagadoramente superiores. Os canhonaços reiniciaram seus acordes. O fogo alemão atingiu a retaguarda de toda a seção, alcançando inclusive as posições abandonadas pelo 3º Batalhão (Foer), do 71º Regimento, no começo do mês. Nuvens de fumaça densa formavam uma parede em todo o primeiro plano.



Tenente Stanisław Brykalski (Fonte: <https://bit.ly/2XAg3IY>).

Brykalski ficou em silêncio: era necessário economizar munição. Reginis – classificado por quem o conheceu como um sujeito laborioso, modesto, quieto, tão tímido quanto teimoso – sentiu que devia fortalecer o espírito de luta entre seus subordinados. Juntamente com Brykalski, que também era subcomandante da seção, jurou que somente a morte os faria desocupar suas posições de defesa.

Enquanto isso, poderosos gêiseres de fogo e fumaça da artilharia pesada enquadravam o alvo e se aproximavam das estruturas de concreto armado.

À tarde, a pontaria dos canhões alemães foi ajustada de modo a acertar diretamente as fortificações. Os canhões do tenente Brykalski tentaram fogo de contrabateria, mas os disparos eram poucos e raramente acertavam o que deveriam. Ao anoitecer, a guarnição dos “filhotes de urso” – os abrigos de batalha leve, mais a oeste de Wizna – não conseguiu mais suportar a pressão e escapou, abandonando seus postos. Sentinelas e a guarnição dos dois “filhotes de urso” atingidos – Włochówka e Grądy-Woniecko – relataram ao capitão que apenas alguns “filhotes” ainda resistiam. “Foi impossível continuar”, lamentou o cabo Pawłak. “Eu entendo, obrigado”, respondeu o comandante.

Raginis precisava de informações, mas as sentinelas postadas no caminho dos alemães não respondiam. Nas horas seguintes, ele mandou batedores para o setor de Sulin-Strumiłowo. O capitão Szmidt, da 8ª Companhia, foi instado a liderar a patrulha. Ele tomou um pelotão e seguiu por quatro quilômetros a oeste, tentando identificar a posição dos alemães. “Ao longo da jornada, minha maior preocupação era manter os soldados comigo, unidos, coesos, mas assim que saí da estrada para o mato, em pouco mais de dez minutos, metade da patrulha desertou”.

Szmidt se viu caçando os desertores ao mesmo tempo em que tentava manter a patrulha em movimento. “No caminho, encontrei alguns soldados em pânico, sem armas, casacos, capacetes. Por volta da 01h00, já a 9 de setembro, ele chegou ao posto de vigilância: “Não encontrei uma alma viva ou morta, apenas barracas cheias de equipamentos, espalhados de tal forma que davam a impressão de uma fuga em pânico. Não havia inimigo na margem leste do rio, mas na outra margem dava para ouvir alguma atividade”. Em seu retorno, ele informou ao seu comandante que a posição avançada em Wizna ainda não havia sido ocupada. Uma ponte, varrida de sangue, estava em chamas, e o rugido constante de motocicletas indicava que a massa blindada do inimigo se reunia para a travessia do Narew, por meio de uma nova ponte de pontões que os alemães estavam construindo. O fogo de artilharia desencadeado continuou e ficou ainda mais forte.

Ciente do que ocorria em Wizna, o tenente-coronel Tabaczyński – a quem Raginis estava subordinado – decidiu apoiar o capitão com o envio do 1º Batalhão (Nowicki), o mesmo que fizera a razia em Prostki, dias antes. O problema é que a unidade estava longe, nos arredores de Osowiec, na floresta de Ruda, e não poderia chegar a Wizna pelo menos até o dia 10. Mas mesmo que Nowicki já tivesse chegado à Osowiec, ainda assim não seria deslocado para Wizna. O episódio é bastante ilustrativo sobre o quanto o comandante-chefe e seu Estado-Maior estavam perdidos, dissociados do quadro geral da batalha que selaria o destino dos poloneses pelo próximo meio século.

A 3ª Companhia do batalhão do Forte Osowiec, a 8ª, do 135º Regimento, parte do 3º Batalhão, do 71º Regimento, que faziam parte da guarnição inicial de Wizna, foram simplesmente retiradas de Raginis antes mesmo do pretendido contra-ataque a Różan, no dia 6. De modo absolutamente inconsequente, Śmigły-Rydz ordenou que tais forças passassem a se subordinar ao general Józef Konstanty Olszyna-Wilczyński (1890-1939)*, comandante da Área Fortificada de Grodno,

cuja responsabilidade se estendia à Osowiec/Wizna. Assim, por volta das 23h00 do dia 8, Olszyna-Wilczyński recebeu um comunicado do comandante-chefe, que dizia: “O senhor general assumirá o comando do SGO ‘Grodno’ que consiste em quatro batalhões de infantaria, dois esquadrões de cavalaria, uma bateria de canhões, dois pelotões de artilharia de 40 mm, uma companhia de artilharia antiaérea, baterias de artilharia ligeira, todo o grupamento “Augustów”, composto por três unidades do KOP (comando e dois batalhões), o batalhão KOP “Słobódka” e a bateria de artilharia KOP “Kleck”, um grupo composto por soldados do 135º Regimento de Infantaria e da 32ª Divisão Blindada, mais a guarnição da região de “Wizna”. E prosseguia: “Tarefa: Carregar logo que possível os grupos ‘Grodno’, ‘Augustów’ e ‘Osowiec’ nos transportes ferroviários. (...) O carregamento da guarnição Osowiec deve ser assegurado pelo batalhão especial de metralhadoras pesadas do Forte Osowiec e a guarnição de Wizna. (...) O senhor general partirá no último transporte após a saída de todos os grupos”.⁹

GUDERIAN TOMA AS RÉDEAS NO NAREW

Tabaczyński recebeu a ordem de retirar todo o seu 135º da área de operações Osowiec/Wizna e transferi-lo para a área de Białystok. Ele sabia o que isso significava para Raginis e seus homens. Na esperança de que se tratasse de um equívoco, ele ligou para o general Olszyna-Wilczyński, tentando se certificar de que aquilo não fosse, de fato, um erro. “Por favor, confirme”, pediu o tenente-coronel. O general estava tão feliz quanto seu subordinado, já que suas poucas e dispersas forças estavam cobrindo toda a região nordeste. Em conversa telefônica com Śmigły-Rydz, Olszyna-Wilczyński tentou convencer seu comandante da necessidade de manter suas tropas onde estavam: “Marechal, eu lhe digo respeitosamente que posso me trancar no forte e defender Osowiec com sucesso”. O comandante-chefe o interrompeu bruscamente: “Por favor, siga a ordem sem discussão! Você não conhece a situação geral. Eu não me importo com a manutenção de Osowiec no momento”. À solicitação de Tabaczyński, que queria ter certeza de que as ordens eram aquelas mesmas, o comandante do SGO Grodno

⁹ O rápido avanço alemão fez com que o SGO Grodno se tornasse irrelevante. A unidade foi então dissolvida e seus homens destacados para a defesa de Lwów (Lviv, Ucrânia). Quando Moscou abocanhou a parte polonesa que lhe cabia, segundo o tratado com os alemães, engoliu facilmente seu naco já que o leste do país estava, virtualmente, indefeso, tendo em conta a luta contra os alemães. Depois de romper as defesas sobre carregadas do KOP, o 15º Corpo de Tanques Soviético, do general Mikhail Petrovich Petrov (1898-1941) iniciou um rápido avanço em direção à Grodno (Hrodna, Bielorrússia). O general Józef Olszyna-Wilczyński, comandante do setor antes da guerra, juntamente com o prefeito Roman Sawicki (*†-NI), organizou as defesas da cidade, baseando-se principalmente em batalhões de marcha (unidade militar composta por pessoal de substituição e apoio), voluntários, escoteiros e forças policiais. Mal equipados, com falta de pessoal e sem qualquer artilharia antitanque, a principal arma dos defensores eram coquetéis molotov e obstáculos antitanque. Entre 20 e 22 de setembro, os combates destruíram a cidade. Sem chances de defesa, os poloneses retiraram-se em direção à fronteira com a Lituânia. Olszyna-Wilczyński fez o mesmo. Embarcou sua esposa e seu ajudante, o capitão Mieczysław Strzemieski (*NI), em um carro, e a 22 de setembro, partiu na direção de Sopoćkinie (Sapockin, Bielorrússia), a fim de alcançar a fronteira. Na altura daquela cidade foram parados por um grupo de artilharia da 2ª Brigada de Tanques (15º Corpo, de Petrov). Comandava o grupamento o major Fyodor P. Chuvakin (*†-NI) e o zampolit (comissário político) Polykarp Grigorenko (*†-NI). Após um brevíssimo interrogatório, quando se certificaram de que se tratava de um general polonês, os soviéticos o executaram assim como seu ajudante, permitindo que sua esposa e motorista prosseguissem. Em 11 de fevereiro de 2002, o IPN (Instituto da Memória Nacional) iniciou uma investigação sobre os assassinatos, mas o Ministério Público Militar da Rússia, um ano e meio depois, alegou que os crimes estavam na esfera civil e, deste modo, prescritos (https://en.wikipedia.org/wiki/Józef_Olszyna-Wilczyński; <https://osnovaschool.ru/en/health/kto-nadal-na-polshu-1-sentyabrya-1939-tak-napadal-li-ssr-na-polshu-otvechayut/>).

respondeu: "Sim, de fato; esta é a ordem do Comando Supremo". Ele explicou que a tomada de Nowogród e Łomża pela 21ª Divisão de Infantaria Alemã (general Kuno-Hans von Both, 1884-1955), unidade do 21º Corpo de Exército (general Paul Nikolaus von Falkenhorst, 1885-1968), e de Wizna por Guderian, convenceram o alto comando de que a única estratégia viável seria defender o sul do país, notadamente Varsóvia, reunindo tudo o que fosse possível para um grande e decisivo contra-ataque. "No momento, estou voltando de Wizna", relatou Tabaczyński. "O inimigo está preparando um ataque. Se a seção for rompida amanhã, suas unidades motorizadas chegarão a Białystok mais cedo do que as minhas enviadas hoje". E complementou: "De qualquer forma, não posso retirar a 8ª Companhia de Wizna". Um pensativo Olszyna-Wilczyński concordou: "Sim, é triste; por favor, aguarde na antessala", pediu a Tabaczyński, enquanto conversava ao telefone com Śmigły-Rydz. Ao que parece, o general expôs o que acabara de ouvir do tenente-coronel, com quem concordava. Depois de um momento, ele voltou a Tabaczyński: "Carregue o regimento sem 8ª Cia.".



Wizna: Visão geral, margens do Narew, próximo a Góra Strękowa (Fonte: Grzegorz Kossakowski).

Em campo, às 05h00 da manhã, Szmidt, ainda na área de Sulin-Strumiłowo, recebia novas ordens de Raginis. "Feche a estrada com cabras espanholas (barreira física consistindo em uma estrutura portátil – na maioria das vezes, uma simples barra –, coberto por diversos espigões longos de ferro, madeira ou lanças), destaque um suboficial com dois canhões e coloque o restante do pelotão em posições à esquerda da estrada. Ao amanhecer, à medida que aumentar o fogo da artilharia, eles se abrigarão nas instalações".

Cumprida a ordem, Szmidt voltou para Gora e instalou-se na cúpula do *bunker* Kurpiki, ao sul do GG-126, três quilômetros de Maliszewo-Perkusy-Łynki, de onde observou aviões alemães despejaram panfletos sobre as posições polonesas,

sugerindo aos soldados que se rendessem, já que estavam cercados, sem chances de defesa ou de receberem reforços, confrontados por uma força imensamente superior. Em troca, prometiam deixar os soldados viverem. Se os defensores de Wizna tivessem um vislumbre do futuro reservado aos poloneses pelos alemães, lutariam com mais galhardia ainda. Não tinham, mas talvez intuissem. O fato é que, baldados seus apelos para a rendição, os alemães reiniciaram os canhoneios aéreo e de artilharia.

Após o bombardeio, atacaram o flanco norte do dispositivo polonês, na direção de Sulin-Strumiłowo. Andrzej Krajewski, jornalista do Polska Times, descreve: “Dois pelotões poloneses, localizados ao norte do Narew, foram atacados por três lados; eles responderam ao fogo e causaram fortes perdas o inimigo”. Os defensores encontravam muita dificuldade em disparar dos abrigos devido à fumaça dos incêndios. Entre os alemães, um quase caos controlado reinava, com tráfego de veículos truncado na margem oeste... Até que Guderian apareceu.

Às 08h00, o general alcançou as posições ocupadas pela 10ª Panzer e pela Brigada Lötzen. Para esta última ele só tinha elogios. Em compensação, para as tropas de Stumpff: “Quando cheguei a Wizna, com grande desapontamento soube que ocorreu um engano quanto a situação da infantaria da divisão. Realmente ela havia transposto o rio, mas não conseguira atingir as defesas de concreto da outra margem. Decidi atravessar o rio para ver o comandante do regimento. Não consegui, entretanto, descobrir o seu posto de comando, nem tampouco o dos batalhões (...) Não havia sinal dos carros da divisão, que estavam todos ainda na outra margem (...) As tropas não tinham conhecimento de qualquer ordem de ataque. Um observador da artilharia pesada que encontrei junto aos infantes, não fazia a menor ideia de sua função ali. Ninguém sabia onde se achava o inimigo, nenhuma ação de reconhecimento vinha sendo executada”.

Guderian chamou os soldados aos seus deveres, emitiu ordens para todos os lados – exigindo, inclusive, que o observador de artilharia direcionasse os disparos para as posições polonesas – e quando o comandante do regimento finalmente apareceu, o general ordenou que o acompanhasse por um tour pela frente de batalha. “Assim o fizemos até que começamos a receber tiros. Neste momento quase tropeçamos em uma peça antcarro germânica cujo bravo chefe a havia trazido para ali – diretamente em frente às fortificações de concreto polonesas – por sua própria conta (...) Não posso ocultar que me senti muito desapontado por tudo o que observara”. Para dar mais impulso ao ataque, Guderian colocou a 3ª Divisão Panzer (Schweppenburg) na direção de Wizna. E a artilharia alemã não descansava. Já nas primeiras horas da manhã, Brykalski fez seu relato a Reginis por telefone: “A artilharia inimiga está disparando contra a posição; um canhão foi destruído; temos mortos e feridos”. Ao longo do dia, o fogo de contrabateria ou de apoio polonês cessou de vez quando os restos da artilharia recuaram para Białystok. Mas seu comandante não acompanhou seus homens para a nova posição. Monitorando o campo de batalha do *bunker* de comando em Góra Strękowa – o GG-126 – Brykalski foi atingido por um fragmento de projétil na cabeça e morreu quase instantaneamente.

Na subsecção Giełczyn, a luta eclodiu feroz logo pela manhã. A cidade estava quase toda tomada pelas chamas resultantes dos disparos da artilharia alemã. O tenente

Kiewlicz, um soldado KOP, defendia o setor com o 2º Pelotão do Forte Osowiec e com o 3º Pelotão da 8ª Companhia, do 135º Regimento, unidade que Tabaczyński se recusara a retirar de Raginis. Este, sob intensa pressão dos contínuos ataques alemães, não pôde socorrer a guarnição de Giełczyn. Sua própria posição em Gora já estava em perigo de ser ultrapassada. Uma sentinelas avançadas relatou a aproximação de tropas, que partiam da ala norte, desde a aldeia de Kołodzieje. “Este é o começo do fim”, pensou Kiewlicz.

Desde a partida do 3º Batalhão do 71º Regimento, aquele setor não fora ocupado por forças polonesas. O que a sentinelas viu foi o surgimento da Brigada Lötzen (Gall) que liderava a ação. Temendo um ataque frontal, Gall optou por tentar romper a defesa pela retaguarda, mas mesmo assim enfrentou duro fogo de oposição, quando os poloneses efetuaram um contra-ataque pela floresta de Giełczyn. Se uma abordagem direta era necessária, seria assim que os alemães agiriam. Com esse fito, levaram a frente canhões antitanque, entre eles o formidável Krupp 88 mm Flak 18, uma arma concebida inicialmente para ser usada contra aeronaves, mas que se revelou um poderosíssimo engenho antitanque. Com seu cano de disparo em alça zero, seus tiros contra os *bunkers*, a pouca distância, se revelaram devastadores. O fogo inimigo atingiu a cúpula blindada do abrigo comandada por Kiewlicz. Ferido e atordoado, ele recebeu uma ordem de Osowiec para queimar a ponte sobre o Narew, eixo Leste-Oeste, perto de Góra Strękowa, e recuar com o seu grupo para Białystok. Uma quantidade considerável de feno e madeira foi recolhida e depois de um tempo a ponte ardeu como um fósforo. Bem a tempo.

Mal a ponte incendiou, com suas seções desabando, na outra margem os tanques de Guderian apareceram. Mas a situação dos poloneses não era também das melhores. Entre ser capturado ou tentar escapar, o tenente Kiewlicz escolheu seu caminho através do fogo. Restos dos defensores seguiram para Białystok, onde se uniram às forças do general Franciszek Kleeberg (1888-1941), comandante do 9º Corpo de Exército, carregando seu comandante ferido e queimado.

A MORTE DO CAPITÃO RAGINIS

Quando a Brigada Lötzen conseguiu superar Giełczyn, unidades das 10ª Panzer já se aproximavam de Góra Strękowa. A todo momento, o fluxo de homens e veículos que atravessavam o Narew engrossava as colunas atacantes. No setor de Maliszewo-Perkusy-Łynki, flanco esquerdo de Góra Strękowa, o capitão Szmidt assinalou que por volta das 10h00, uma grande barragem de artilharia teve início, abrangendo toda a seção. Guderian ordenara que os artilheiros não dessem descanso aos poloneses e atirassem o dia todo. Às 12h00, a infantaria inimiga, apoiada por canhões de assalto, apareceu em primeiro plano, iniciando um ataque direto às fortificações. “Por causa da fumaça, era impossível atirar dos abrigos sem ventilação; então as armas foram levadas para as trincheiras”, lembra o coronel Apolonia Zawilski (1912-2004), doutor em história e autor do livro “Batalha do setembro polonês” (*Bitwy polskiego września*).

Raginis designou um pelotão para apoiar Szmidt. Mas a situação do capitão de Kurpiki em nada diferia da dos seus companheiros. Quando Stumpff se colocou em

movimento contra seus abrigos, ele dispunha de três Ckm wz .30 funcionando, mas suas armas antitanque não mais existiam. Por conta disso, os blindados alemães se aproximavam e a curta distância disparavam petardos demolidores sobre as posições. Às 15h00, o inimigo penetrou o perímetro defensivo de Kurpiki e Maliszewo-Perkusy-Łynki. Szmidt recorda: “Às 15h00 perdi minha primeira metralhadora pesada e fiquei temporariamente cego devido a explosão de um foguete na cúpula do bunker”.

No momento em que Szmidt lutava para voltar a enxergar e continuar a dar combate, no *bunker* GG-126, às 16h00, o capitão Raginis estabeleceu sua última comunicação via rádio com Osowiec. O canhoneiro alemão havia cortado os fios telefônicos do abrigo, mas o sargento N.N. Maks (*†-NI) e o Cabo N.N. Wiśniewski (*†-NI) conseguiram remendá-los. Raginis então informou ao major Antoni Korpak (1899-†NI), comandante do batalhão KOP de Osowiec, que sofrera pesadas perdas, estava ferido e sem artilharia, mas que não cessaria a defesa. Logo após essa conversa, o único rádio de Raginis foi destruído.

A infantaria dos abrigos, apesar do fogo assassino de todos os tipos de armas que grassava pelo campo de batalha, saía para contra-atacar, entendendo que somente assim poderia ter alguma chance de sobrevivência até o anoitecer. Muitos conseguiram chegar às valas de tiro e ocupar os restos dos abrigos, dos quais disparavam na infantaria alemã que os ultrapassava, um expediente que lhes custaria caro ao final dos combates. Os únicos que não passavam pelos abrigos antes de explodi-los eram os tanques. Dezenas de colossos blindados surgiram à frente das casamatas de Kurpiki e Maliszewo-Perkusy-Łynki, levando de roldão posições, *bunkers*, trincheiras e valas de tiro. Três deles queimaram como tochas e outros dois foram paralisados depois de atingidos por minas.

Isso, entretanto, nada significava. Juntas, a 3^a e a 10^a Panzer alinhavam cerca de 400 tanques. Cada projétil que explodia sobre os *bunkers* os inundava com gás, fumaça, destroços, terra e poeira, que entravam pelas aberturas dos abrigos. Tentando se proteger de algum modo, os soldados tapavam os ouvidos, fechavam os olhos, suspendiam a respiração, numa combinação de condições que os sufocava. Muitos desmaiavam. Szmidt: “Às 18h00, o inimigo havia danificado todas as metralhadoras do abrigo, ferindo gravemente a mim e a cinco soldados. As condições dos 26 feridos, amontoados em um quarto completamente escuro, deterioravam-se rapidamente; pouco depois perdi minha última Ckm. Então decidi entregar a posição”. O desenrolar da luta descrita pelo sturmbannführer (major) U. V. (*unbekannter Vorname*, primeiro nome desconhecido) Malzer (ou Mäser), do 19º Corpo, revela um pouco do que foi a batalha: “O ataque principal ao *bunker* não levou ao objetivo. Os duros defensores poloneses não desistiam da luta e nossa unidade foi novamente engajada com fogo de metralhadora. O comandante dos sapadores decidiu contornar a posição, através da aldeia [Kurpiki] transformada em escombros; a unidade atacante atingiu diagonalmente o abrigo, que ainda disparava contra nossa infantaria. Os tanques chegaram e, sob sua cobertura, a unidade de assalto se aproximou do abrigo. Quando os tanques abriram fogo contra as posições de tiro e temporariamente incapacitaram as pesadas metralhadoras polonesas, um dos engenheiros conseguiu correr para a porta da frente e plantar uma carga explosiva. Uma forte detonação derrubou a porta e a entrada foi imediatamente coberta com fogo de submetralhadoras. O

segundo sapador rastejou até a abertura e lançou uma granada por ela, de modo que a arma silenciou. A tentativa de invadir o *bunker* falhou porque a metralhadora da cúpula nos mantinha sob fogo. Os poloneses ainda assim permaneciam lutando, muito embora praticamente todas as suas armas tivessem sido destruídas. Somente quando um dos engenheiros lançou algumas granadas na casamata é que a resistência foi finalmente quebrada. Encontramos nove mortos no abrigo”.

No entardecer do dia 9, a situação dos poloneses era desesperadora e sem esperanças. Dos abrigos de defesa, Włochówka caíra no dia anterior, e a ela se seguirá, no dia seguinte, Giełczyn e a linha Kurpiki e Maliszewo-Perkusy-Łynki. Grądy Woniecko, a mais meridional das posições da seção Wizna, fora duramente assaltada por forças da 20ª Motorizada (*Wiktorin*) e embora os comandados do tenente Przybylski – um pelotão de infantaria, uma companhia de marcha e uma equipe de Ckm – tenham lutado até o fim da munição, saindo para o combate com granadas e luta corpo a corpo, não tiveram chance e sucumbiram ao peso material e humano dos alemães.

A situação em Sulin-Strumiłowo também era desastrosa e o envio do sargento Maks, por Raginis, ao segmento, em nada alterou o resultado, a não ser para dar ao inimigo mais prisioneiros. Assim, com exceção de Góra Strękowa, que ainda resistia, todos os outros abrigos estavam dominados pelos alemães. Os que ficaram no último reduto – infantaria polonesa, remanescentes de artilheiros sem canhão, sapadores – foram a abandonar as trincheiras e demais abrigos de campo e recuar para dentro dos *bunkers* restantes, viam os alemães cruzarem sua linha de defesa e avançar para Tykocin, a leste, na direção de Brześć, e Zambrów, a sul. Percebiam também que as tropas de Stumpff, que ficavam para liquidar a posição, passaram a flanquear o dispositivo, penetrando na floresta pela estrada de Góra Strękowa-Meżenin, 15 km, além da linha de abrigos, a fim de abordar o forte pelo setor sul, como Gall tentara em Giełczyn.

A artilharia alemã trovejava. Sob a cobertura negra do céu, tudo o que os poloneses podiam ver de suas posições era sua terra queimando. Fazendas, celeiros cheios de grãos, palheiros, árvores, cercas, grama seca, tudo ardia. Bombas e fogo de metralhadoras dos aviões de apoio da Luftwaffe alimentavam os incêndios. A estrada Wizna-Góra Strękowa também estava sob fogo. Com seu cronograma entrando em atraso, Guderian buscava acelerar a travessia dos veículos pelo Narew. Ele ordenou que o transporte dos mesmos fosse feito em balsas, já que a ponte de pontões ainda não dava conta de suportar o tráfego dos blindados. No meio da tarde, Guderian percebeu que a atividade antitanque do inimigo já não era mais a mesma.

De fato, Raginis não tinha mais nenhum equipamento anticarro. Sua arma primária era o rifle antitanque Kb Ppanc Wz.35 (*Karabin przeciwpancerny Wz.35*) de 7,9 mm. Desenhada pelo engenheiro polonês Józef Maroszek (1904-1985), o equipamento disparava um possante projétil a uma velocidade inicial de até 1.275 m/s, a uma taxa de oito a dez tiros/min., capaz de penetrar armaduras de 33 mm a 100 m e 15 mm a 300 m. Tratava-se de uma arma robusta de quase 10 kg (sem munição). Vê-se, portanto, que o problema não era propriamente a arma, mas a quantidade disponível e a dotação de munição: dois rifles, 20 tiros. Se cada polonês

fosse hábil o suficiente para acertar e paralisar um tanque (sem contar demais veículos de apoio) a cada tiro disparado, no final 40 tanques teriam sido atingidos. Restariam “somente” 360 a serem abatidos. “O fato de que, naquele dia, os defensores de Wizna tenham destruído uma dúzia de tanques alemães parece ser literalmente um milagre”, afirma Krajewski.

Mas agora que os alemães entenderam que os poloneses não tinham mais como se defender dos tanques, eles os aproximaram ainda mais. Por ordem de Guderian, os blindados chegavam a poucos metros dos abrigos individuais, cortavam a comunicação entre os postos de defesa e despejavam fogo a curtíssima distância. Nos intervalos das detonações, a infantaria cercava os fortins e rendia os soldados.

Os alemães finalmente conseguiram romper a defesa polonesa. Ao anoitecer, cercaram dois abrigos de batalha em Góra Strękowa. Tentativas de invasão resultaram em infantes inimigos ceifados por metralhadoras. A situação nos abrigos era crítica. Evadir-se era impossível pois cada vez que alguém abria a porta do abrigo, uma avalanche de tiros de metralhadora do inimigo inundava o recinto. O tenente-coronel Tabaczyński assinala em seu relatório, escrito em dezembro de 1946: “Desde a manhã [do dia 9] não tive contato com Wizna. Da direção do setor, eu podia ouvir forte fogo de artilharia o dia todo. Durante a marcha para Knyszyn [sudeste de Osowiec], vários soldados da 8ª Companhia que lutaram em Giełczyn, foram trazidos a mim; suas palavras eram: ‘Os alemães capturaram nossas trincheiras. Todos estão mortos’”.

Por seu turno, o general Wilczyński-Olszyna informou o Comando Supremo sobre os eventos do dia: “A situação na região de Wizna é *nieprzyjemna* (desagradável, sic). O setor está sob forte ataque e é protegido apenas por uma companhia de metralhadora, uma de infantaria e dois pelotões de artilharia. O líder do grupo está ferido, os abrigos principais caíram e Osowiec, a 36 km de distância, não pode ajudá-lo. Se Góra Strękowa cair, a direção para Białystok estará aberta”. A verdade é que, à altura em que o general descrevia o tétrico cenário para o alto comando (usando a expressão “desagradável” para ilustrar um cenário que estava catastrófico), Gora já havia caído. O fato de Raginis ainda não ter se rendido não queria dizer nada. Guderian venceu. Ele administrou pessoalmente as batalhas, principalmente no âmbito da atuação da 10ª Panzer. Dezessete dos 18 pontos de defesa de Wizna estavam tomados. O último era uma questão de – pouco – tempo. Guderian: “A divisão conquistou rapidamente o objetivo, com perdas muito pequenas. Uma enérgica e resoluta liderança teria obtido o mesmo resultado ainda pela manhã”.

A noite foi dedicada a consolidação dos abrigos tomados, recolhimento de prisioneiros, operações de limpeza. Alguns poloneses, isolados, deixaram suas posições. Na madrugada do dia 10, irritados soldados do 19º Corpo partiram para liquidar com o que restava das defesas de Góra Strękowa. Wizna já estava no cauteleado em pé, massa de soldados e equipamentos alemães marchavam acelerados para Brześć, do ponto de vista operacional, a seção já deixara de existir e Raginis insistia em continuar lutando com os restos do seu batalhão. Sucessivos ataques foram repelidos e pela manhã a posição ainda não havia sido dominada.



Raginis: Ruínas do abrigo do comandante de Wizna (Fonte: Grzegorz Kossakowski).

Exaustos, feridos, alguns semimortos, sem comunicação, sem medicamentos, suprimentos e munição, a situação de Raginis era inominável. Foi com essa situação que o artilheiro Seweryn Biegański (*†-NI) se deparou quando chegou ao *bunker* de Raginis com a mensagem do capitão Tadeusz Naróg (1899-†NI). Ele constatou que não era mesmo essa a intenção do capitão e sua chegada só serviu para que acrescentasse mais um soldado ao esquálido componente de defesa de Góra. Raginis não pensava em rendição, mas não desejava que seus homens morressem lutando por algo que já não tinha mais propósito.

O que se seguiu entre 10h00 e 12h00 do dia 10 de setembro nunca pôde ser suficientemente confirmado. De acordo com os relatos apresentados por dois sobreviventes após a guerra, em algum momento o inimigo parou de atirar e um soldado com uma bandeira branca aproximou-se do abrigo. Krajewski: “Em nome do general Guderian, ele apresentou ao capitão Reginis um ultimato: ou o *bunker* se rendia ou todos os prisioneiros poloneses capturados durante a batalha seriam fuzilados”.

Reginis não tinha mais como opor qualquer defesa. Mais ou menos às 12h00, engenheiros alemães fizeram os arranjos para explodir o que restava dos *bunkers* de Góra. No interior do *bunker*, Reginis ponderava a respeito de suas opções. Não tinha nenhuma, pelo menos não uma que lhe desse chance de negar a oferta dos alemães. Às 13h30, ele se voltou para os homens que ainda estavam com ele, agradeceu por tê-lo acompanhado até então e cumprido seus deveres, e ordenou que saíssem do abrigo e se rendessem. O último a deixar o abrigo, justamente o artilheiro Biegański, descreveu o momento: “O capitão olhou para mim calorosamente e gentilmente me pediu para deixar o abrigo; quando estava na saída, ouvi uma forte explosão”. O Capitão Reginis detonara uma granada junto ao corpo.

CONFUSÃO NO ALTO COMANDO POLONÊS

A morte do comandante de Wizna não foi o fim dos combates na região. Tão logo soube da morte do capitão, Młot-Fijałkowski ordenou que o setor fosse retomado. E aqui reside mais um episódio da confusão que reinava nos escalões superiores das forças polonesas. Na noite do dia anterior à queda posição, o general Olszyna-Wilczyński, considerando a situação de toda a frente norte, recebeu ordens para interromper a reunião de tropas que deveriam seguir para o sul a fim de proteger Varsóvia.

No dia 10, o 135º Regimento, que já se encontrava em Knyszyn, a meio caminho de Białystok, recebeu uma ligação de Osowiec. Tabaczyński: “Por volta de 01h00, durante o carregamento do 1º escalão [do 135º Regimento], na estação ferroviária de Knyszyn, recebi uma ordem do major Korpals para que devolvesse o regimento à seção”. O general Młot-Fijałkowski pretendia recapturar Wizna. “O mais importante para mim era Wizna”, relembra Tabaczyński. “Recebi uma ordem por escrito do general Młot-Fijałkowski a respeito, que mandava recriar aquele subsegmento, com o 1º Batalhão do 135º, uma bateria de artilharia e uma cia. antitanque”. Às 12h00, Młot-Fijałkowski emitiu tais ordens. O último reduto da seção Wizna, Góra Strękowa, estava pouco mais de 25 km a sudoeste de Knyszyn e o percurso poderia ser coberto com alguma facilidade, apesar da área estar sob o impacto das bombas e metralha das aeronaves inimigas.

Mas quando Tabaczyński recebeu as ordens de Młot-Fijałkowski, ele já estava cumprindo as determinações anteriores de Kopal e, portanto, estava em movimento para Osowiec. Uma vez na fortaleza, Tabaczyński constatou que apenas o batalhão KOP, de Korpals, estava desdobrado, com o apoio de artilharia posicional e sapadores. Mas o recém-chegado só pensa em Wizna. Entretanto,

depois cobrir todo o caminho de volta, seu regimento é incapaz de continuar. Como solução, Tabaczyński faz seu 1º Batalhão alcançar Wizna de trem.

Os sons dos canhões oriundos de Wizna eram ouvidos em Zambrów, onde, após quatro dias de marchas noturnas, a Brigada de Cavalaria Suwalska, do General Podhorski, chegou. Młot-Fijałkowski, a fim de tentar conter os alemães na área de Wizna, despachou todo seu grupo operacional para a região, deixando para trás apenas o 3º KOP, do coronel Zajączkowski.

Na madrugada de 9 para 10 de setembro, de imediato, o 2º Regimento de Ulanos de Grochowski, cujo comando acabara de passar do coronel Kazimierz Plisowski (1896-1962) para o tenente-coronel Karol Anders (1893-1971), ultrapassou o Narew na altura de Niwkowo e rapidamente ocupou a brecha entre Łomża e Wizna. A seguir, as sub-unidades passaram a se ocupar de tarefas distintas, tentando contato com o inimigo. A Companhia de Ciclistas, da 33ª Divisão de Infantaria (Kalina-Zieleniewski) foi para Grady-Woniecko e uma patrulha, liderada pelo cabo E. Sapieha (*†-NI), chegou até Góra Strękowa, onde encontrou tanques alemães e foi destruída. Por fim, o 1º Esquadrão (capitão Stanisław Sołykiewicz, *†-NI), partiu em direção a Wizna.

Entre os alemães, nas últimas horas do dia 9, já entrando em 10, o 90º Regimento de Infantaria Motorizada, do coronel (*oberst*) Dietrich Kraiss (1889-1944), e elementos adicionais do 8º Regimento Panzer, do coronel Botho Henning Elster (1894-1952), avançaram pela área de Rutki e Mężeńin, a leste do Narew. Grądy-Woniecko já havia sido superada. Ficou claro para Plisowski – que assumiu a brigada depois que o general Podhorski recebeu o comando de um SGO que reunia as duas brigadas de cavalaria e a 18ª Divisão de Infantaria – que deveria concentrar suas forças na floresta Kołomyjka, a oeste de Rutki.

Logo nas primeiras horas da manhã, os Ulanos foram ao assalto. O 2º Esquadrão, do tenente Jerzy Mielżyński (*†-NI) liderou o primeiro ataque que fracassou, da mesma forma que a ação ofensiva desencadeada pelo 4º Esquadrão, do capitão Władysław Wyszyński (*†-NI). O 1º Esquadrão (Sołykiewicz) engajou os alemães em Kalinówka-Basie, pouco ao norte de Rutki, e também foi repelido. Anders – um dos dois irmãos do general Władysław Albert Anders (1892-1970), competente comandante do 2º Corpo de Exército Polonês, no Ocidente – encetou uma manobra de bloqueio de Rutki, a partir da floresta Kołomyjka, com um novo ataque dos 2º e 4º esquadrões mais um pelotão de ciclistas.

Contudo, mesmo antes de chegar às suas áreas de ataque, a unidade foi desintegrada por maciças forças inimigas. Um dos esquadrões ficou isolado do resto do regimento que conseguiu escapar pela borda oriental da floresta Kołomyjka. Ali, entre 11h00 e 16h00, um batalhão do 90º Regimento realizou dois ataques, com suporte de tanques e artilharia, mas não conseguiram desalojar os poloneses que resistiram com o 4º Esquadrão (Wyszyński), um pelotão de ciclistas e o fogo da 1ª Bateria (capitão Edward Gągulski, *†-NI) do 4º Esquadrão de Artilharia Montada, do tenente-coronel Ludwik Kiok (*†-NI).

Rutki caiu em mãos alemãs, assim como Zambrów, esta última depois de uma renhida luta em que o general Młot-Fijałkowski liderou os homens da 18ª Divisão

de Infantaria. À noite, o regimento, dividido em várias partes, começou a recuar, deslizando entre as colunas do 19º Corpo.

Ordens se sobrepõem a ordens, contrariam outras ordens e causam uma desordem sem fim. Na madrugada de 11 de setembro, próximo a Giełczyn, mal recuperados das marchas e contramarchas a que foram submetidos pela barafunda do alto comando, os homens de Tabaczyński puseram-se a caminho do oeste, em missões de reconhecimento. Tabaczyński: “Saí com o 1º Batalhão e já no quilômetro 20, vi que a estrada estava intransitável para veículos e então prosseguimos a pé”. A posição de Giełczyn estava vazia e destruída. Ao amanhecer, os homens alcançaram o pico na área de Laskowiec, 50 km a oeste de Wizna). Depois que o sol apareceu e a névoa baixou, Tabaczyński notou o movimento da coluna blindada na estrada Wizna-Strękowa Góra. A ponte sobre o rio Narew, perto de Strękowa Góra, fora queimada (obra do tenente Kiewlicz, três dias antes). “Eu queria abrir fogo de artilharia contra a coluna inimiga, mas desisti de minha intenção, sabendo que isso implicaria em combate imediato com os alemães, uma impossibilidade prática, visto que eu, meus oficiais e soldados, estávamos no limite de nossas forças físicas e morais”, acentua Tabaczyński.

De fato, o esgotamento dos seus soldados era tanto que muitos deles simplesmente sucumbem ao cansaço e adormecem. O comandante do regimento decidiu voltar para Osowiec, mas antes deu ordens ao major Nowicki, líder do 1º Batalhão: “Não revele sua posição, dê descanso aos homens e aos cavalos; durante o dia, prepare-se para ocupar as posições defensivas de Giełczyn; move o batalhão, ou uma companhia e faça um reconhecimento dos vaus do Biebrza até as travessias do inimigo no Narew, perto de Wizna, a fim de destruí-la”. Nesse ínterim, outra ordem emanada pelo general Wilczyński-Olszyna, mais uma vez atrapalhou os planos de Tabaczyński. Constatada a queda de Wizna e diante da impossibilidade de qualquer chance de restabelecer a seção, o comandante do SGO Grodno ordenou a Tabaczyński que levasse todo o 135º de volta a Osowiec para que este se juntasse aos transportes ferroviários que o levaria a Pequena Polônia, região histórica do sul-sudeste do país. Guderian, tendo atravessado Wizna e conquistado Zambrów, rumou para Wysokie Mazowieckie, Andrzejewo (onde cercou e destruiu a 18ª Divisão, sob o comando de Młot-Fijałkowski) e finalmente Brześć, cidade que resistiu aos seus panzer por três dias (14 a 17 de setembro). Deste modo, os poloneses definitivamente desistiram de firmar pé no norte e decidiram concentrar suas forças no sul do país. Mal sabiam que em menos de uma semana, o inimigo histórico e figado emergiria das fronteiras da URSS, pegando os poloneses entre duas tenazes mortais.

O número de vítimas polonesas em Wizna nunca foi precisado. Pouco se sabe sobre os soldados que foram feitos prisioneiros pelos alemães. O que se sabe é que não foram exatamente tratados da forma como se espera o sejam homens que lutaram e sangraram pelo seu país. Vários soldados alemães ficaram muito irritados com a persistente defesa dos guerreiros de Wizna. Alia-se a isso o preconceito embutido no soldado alemão que lhe dizia que o soldado polonês pertencia a uma raça inferior, que devia ser menosprezada e não considerada de toda “humana”, o que endossava a espécie de guerra que Hitler levou ao leste europeu e que encontrou na Polônia sua máxima expressão.

Para Hitler e seus sequazes, a Polônia nunca mais deveria se erguer como nação, uma mentalidade que encontrou eco em Moscou, cuja invasão no dia 17 de setembro, proporcionou a Stalin não só uma vingança pessoal, como a chance de sovietizar a Polônia, algo que os bolcheviques tentavam desde o fim da I Guerra Mundial. Esse tipo de conduta explica o comportamento absolutamente imoral de inúmeros alemães na Polônia e que demorou pouco para ser extravasado, quando 89 poloneses foram assassinados em Katowice, apenas quatro dias depois da invasão.

Se a forma de lidar com a população civil era o assassinato puro e simples, por que haveria de ser diferente com homens uniformizados? Não foi. “Por volta de 8 de setembro, soldados do 74º Regimento, comandado pelo coronel Wacław Wilniewczyc (*†-NI), unidade da 7ª Divisão (general Janusz Tadeusz Gąsiorowski, 1889-1949), emboscaram e mataram mais de uma dúzia de soldados alemães da 11ª Companhia (capitão Mark von Lewinski, *†-NI), do 15º Regimento (coronel Walter Wessel, 1892-1943). Uma das vítimas dessa legítima ação de guerra, foi o comandante da companhia. Imediatamente, a 29ª Divisão de Infantaria Motorizada, do general Lemelsen, unidade a qual o 15º estava subordinado, contra-atacou os remanescentes do 74º e fez vários prisioneiros. Wessel ordenou então que os poloneses fossem despidos de seus uniformes a fim de que ficassem caracterizados como guerrilheiros”. E os fuzilou.

BAIXAS E A MARCHA DOS SOBREVIVENTES

O fato de serem alvejados pelos poloneses quando ultrapassavam as defesas que acreditavam vencidas, fez com que os alemães se certificassem da pusilanimidade dos poloneses. Fato é que, ao fim dos combates, os homens que caíram nas mãos dos guerreiros de Guderian sofreram. O capitão Szmidt, comandante da 8ª Companhia, revela: “Cada soldado que saía dos abrigos, após a rendição, bem como os feridos, foram muito mal tratados; na minha vez, levei um tiro de pistola na têmpora, fui chutado e severamente espancado por soldados – suboficiais – alemães. Uma vez fora do *bunker*, desmaiei, mas meus soldados me apoiaram; novamente fui chutado várias vezes no ventre e na cabeça; mais tarde, recebi curativos de um médico alemão, mas perdi completamente a consciência”.

Como Szmidt, vários prisioneiros sofreram maus tratos ou foram meramente fuzilados. O historiador polonês Robert Leszek Moczulski afirma que dos 720 soldados de Wizna, apenas 70 sobreviveram. Alguns se retiraram com sucesso e chegaram às linhas polonesas. Raginis se matou e Brykalski foi morto em combate. Szmidt, gravemente ferido, foi para o cativeiro (86 dos seus homens sobreviveram). O tenente Witold Kiewlicz sobreviveu, alcançando a retaguarda polonesa com um pelotão de pioneiros e 150 outros soldados, dois canhões e vários soldados da posição de Giełczyn. Ferido, ele se retirou para Białystok e depois para Wilno (hoje Vilnius, Lituânia). Voltou aos combates depois de recuperado, e em 1941, juntou-se a União da Luta Armada (*Związek Walki Zbrojnej*, ZWZ), a mais antiga unidade de resistência polonesa anti-alemã e antissoviética, formada em 13 de novembro de 1939, que mais tarde se tornaria o AK – *Armia Krajowa*, o Exército Nacional Subterrâneo Polonês. Em algum momento, entre setembro e outubro de 1944, ele foi preso em Bogusza pelas

tropas do Comissariado do Povo para Assuntos Internos (*Narodnyy Komissariat Vnutrennikh Del*, NKVD), e encarcerado em Wilno. Na primavera de 1945, foi deportado para o campo do NKVD em Ryazan, sudeste da então URSS. Libertado em novembro de 1947, ele retornou à Polônia e se estabeleceu em Białystok. Está sepultado no cemitério paroquial da cidade.

Os restos da unidade do major Nowicki cruzaram o rio Bug e se juntaram ao SGO Polesie, do general Kleeberg. Sua tropa foi encarregada da defesa de Annopol, sul de Kock, no final de setembro. Dos 130 soldados que comandava, Nowicki perdeu 97, incluindo, entre os quatro comandantes de pelotão, o tenente Z. Wilanda (*NI) que esteve em Wizna. Aprisionado em 11 de novembro de 1939, em Varsóvia, ele passou toda a guerra em campos de prisioneiros, primeiro no Oflag IX, em Molsdorf, e depois no Oflag IIC, em Woldenberg. Retornou à Polônia em 1946, onde tentou publicar um livro de memórias, *Em luta com o 135º (Z fight, 135 pp)*. Tentou publicá-lo em alguma editora ou gráfica do nordeste da Polônia, provavelmente em Białystok, na década de 1960. Morreu nessa cidade em 19 de março de 1964.

Sete anos depois, em Varsóvia, morria seu comandante nos combates de Wizna, o tenente-coronel Tabaczyński. Depois que seu regimento foi dissolvido em 6 de outubro de 1939, Tabaczyński foi para Varsóvia, onde passou a integrar as tropas da ZWZ, assumindo, em agosto de 1940, o comando da inspetoria da organização em Płońsk-Ciechanów. Sob os codinomes Grabowski, Mazur e Kurp, foi transferido para Lwów (atual Lviv, Ucrânia), em março de 1943, também como inspetor na cidade, além de comandante adjunto do distrito. Em agosto, os alemães o prenderam e ele passou os próximos anos nos terríveis campos da morte nazistas tais como Auschwitz, Buchenwald, Gross-Rosen, Mittelbau-Dora e Bergen-Belsen. Sobretudo a partir de Gross-Rosen, passou a comandar as organizações dos prisioneiros, tentando estimular fugas, contrabando de comida para o interior dos campos e principalmente disseminação de informações, para os Aliados, sobre as condições infernais daquelas instalações. Que lhe cobraram um preço terrível. Ao ser libertado pelos canadenses em 15 de abril de 1945, seu estado de saúde era crítico e ele ficou hospitalizado em Celle, Hannover, depois em Londres, e depois no Hospital Polonês, em Penley, na Grã-Bretanha. Tabaczyński retornou à sua terra em 18 de novembro de 1965. Praticamente inválido, foi morar em Otwock. Morreu em Varsóvia em 8 de julho de 1971 e foi enterrado no cemitério militar Powązki.

As perdas alemãs também não são bem conhecidas. Em seus diários, Guderian anotou que 900 soldados alemães foram mortos em ação, mas esses números provavelmente estão errados. Um comunicado oficial da Wehrmacht mencionou “várias dezenas de mortos”, mas pelo menos várias centenas de corpos de soldados alemães mortos foram exumados de um cemitério de guerra local, anos depois. Alguns autores chegam a relatar 1.400 baixas entre mortos, feridos e desaparecidos. Dez tanques e outros blindados foram destruídos assim como um avião. A história oficial da 10ª Panzer dá conta de que nas batalhas de 8 de setembro, nove soldados foram mortos e 26 feridos. O 1º Batalhão, do 86º Regimento de Infantaria, do coronel Hans Ehrenberg (1888-1947), que foi a principal unidade envolvida na captura dos bunkers, relatou em 9 de setembro, às 17h00, a perda de 40 homens. Há alguma estatística sobre as perdas do 8º

Regimento Panzer (Elster), mas os combates travados em Zumba, Wysokie-Mazowieckie e Andrzejewo dificultam a diferenciação das baixas.

Mas sejam quais forem os números, o fato é que um exultante Guderian¹⁰ assistiu à parada da vitória, um desfile conjunto da Wehrmacht com o Exército Vermelho, em Brześć, a 22 de setembro. Em menos de 30 dias, ele percorreu todo o norte da Polônia e confirmou sua teoria sobre o emprego de tropas blindadas, emassadas e rápidas. A asserção de Kenneth Macksey sobre o general alemão é conclusiva: “Em luta feroz em terreno difícil, conseguiria, por pura força de personalidade e energia, vencer não só um inimigo valente, mas os descrentes do seu próprio lado, que eram cautelosos demais para o seu gosto”. Militar demais para se preocupar com política (embora acreditasse que “os princípios fundamentais [do nazismo] eram bons”) não se sentiu suficientemente constrangido para dividir o cenário do desfile com o general Semyon Moiseevich Krivoshein (1899-1978), comandante da 29ª Brigada Ligeira de Tanques, “... com algum conhecimento de francês e com o qual pude manter conversação”.

A lua de mel durou até junho de 1941, quando Guderian liderou um grupamento Panzer muito maior que o seu modesto 19º Corpo. Alinhando cinco divisões Panzer, três de infantaria e uma de cavalaria, ele por pouco não “visitou Krivoshein em Bykhaw, onde o general comandava o 25º Corpo Mecanizado. Quando Krivoshein retornou a Brześć, em 1944, à frente do 1º Corpo Mecanizado de Krasnograd, Guderian via a guerra de longe, afastado do campo de batalha desde o Natal de 1941. O alemão não assistiu, portanto, os abrigos da seção Wizna serem destruídos pelos compatriotas em retirada em 1944, e nem Krivoshein presenciou, mais tarde, a tétrica ordem nos novos senhores soviéticos de exumar o corpo carbonizado – intencionalmente queimado pelos alemães em 1939 – de Reginis, e movê-lo, bem como o do tenente Brykalski, da sepultura rudimentar ao lado do abrigo em Góra Strękowa para outro lugar, a fim de que os poloneses não cultuassem seus heróis. Só muito tempo depois é que uma singela placa foi colocada nas ruínas com os dizeres: “Transeunte, diga à Pátria que lutamos até o fim, cumprindo nosso dever.”

A Associação “Wizna 1939” (Stowarzyszenie “Wizna 1939”), dedicada a preservar a memória da batalha e dos homens que nela lutaram, realizou a exumação dos restos mortais de Reginis, entre 2 e 22 de agosto de 2011. Além de constatar que os corpos haviam sido movidos, sem que se saiba ao certo para onde, a descoberta de fragmentos de ossos (rótula, crânio), submetidos a testes de DNA, confirmaram que os despojos pertenciam ao capitão Reginis. Foram encontrados também vários itens pessoais pertencentes ao comandante de Wizna, tais como uma medalha, uma caneta-tinteiro, uma carteira e seis estilhaços da granada que o capitão detonou junto ao corpo. O funeral solene foi organizado pela Associação “Wizna 1939” e ocorreu em Góra Strękowa, em 10 de setembro de 2011, no 72º aniversário da morte de Reginis e Brykalski.

¹⁰ Quanto a afirmação de sobreviventes de Wizna de que Guderian ameaçou fuzilar prisioneiros caso Reginis não se rendesse, não há nada conclusivo. Ele se rendeu aos americanos em 10 de maio de 1945 e não foi acusado de crimes de guerra, apesar dos protestos da Polônia e sua suserana, a URSS (David G. Williamson, 2009; Poland Betrayed: The Nazi-Soviet Invasions of 1939. Stackpole Military History. Mechanicsburg, PA: Stackpole Books. p. 180).

No plano de guerra alemão, Wizna era o elo mais fraco da linha norte da defesa polonesa. Construída as pressas, tiveram seu valor como os dois dias de ferrenhos combates demonstraram. As vantagens incluíam, por exemplo, a boa visibilidade o que dava a guarnição uma visão bastante aceitável do primeiro plano, facilitando as posições de tiro localizados nas laterais dos abrigos. A cooperação com a artilharia era razoável. Além disso, os *bunkers* foram montados de tal maneira que, em tese, um abrigo protegeria o vizinho. Isso foi verdade até o momento em que Guderian, percebendo que os poloneses não dispunham de armas antitanque, passou a aproximar os tanques, que protegiam sua infantaria, responsável por cercar e dominar os abrigos.

Em princípio, exatamente por causa das armas antitanque, atacar os *bunkers* de frente não era recomendável, o que fez a Lötzen e a 10ª Panzer tentarem manobras de flanco. Os obstáculos constituídos por valas, cercas, arames, minas também ofereceram apoio defensivo importante. Entretanto, os abrigos foram criados a partir de uma doutrina operacional de defesa que dava à infantaria, mesmo a infantaria apoiada por alguns carros, o papel preponderante no ataque. Os poloneses (e depois, os franceses, ingleses, gregos, iugoslavos e russos) não estavam preparados para o “soco dinâmico” (*Stosskraft*), concebido por Guderian, uma antecipação não refinada, em princípio, do que viria a ser o *shock and awe*, 60 anos depois.

“OS POLONESES ABANDONARAM A LUTA”

Concebidos sob um princípio justificado pela época, os abrigos de Wizna ainda assim apresentavam deficiências bastante significativas. No aspecto construtivo, a falta de ventilação foi uma delas. O fogo produzido pelos combates se espalhava facilmente devido ao clima e ao terreno seco, e a fumaça densa fazia com que os homens precisassem se retirar das fortificações para poder ver melhor no que estavam atirando, o que já contradizia a existência das fortificações, erguidas para protegê-los. No auge do canhoneio, muitos defensores sufocaram e desmaiaram.

A ideia de que os abrigos se protegeriam mutuamente foi por terra diante da realidade de que o número de fortificações construídas era pouco para o tamanho do campo de batalha a ser coberto. Então, quando a defesa antitanque feneceu, foi relativamente fácil para Guderian destruí-las uma a uma. Isso decorreu do fato de a posição não ter sido concluída a tempo e não ter sido devidamente camouflada. A maior instalação era o abrigo de comando da seção, localizado em Góra Strękowa, o GG-126, no qual nenhuma cúpula blindada foi instalada e as seteiras para tal foram preenchidas com mistura de concreto.

O bunker de Reginis era o único em que havia rádio com o qual ele se comunicava com Osowiec. A comunicação entre os abrigos era feita, quando feita, por meio de estafetas. A seção tinha uma falta crônica de lançadores de granadas, metralhadoras pesadas e armas antitanque. E embora Reginis estivesse subordinado ao tenente-coronel Tabacyński, comandante do 135º Regimento, em Osowiec, localizada 36 km ao norte, ele sabia que não podia contar com reforços.

A defesa da seção Wizna entrou para o imaginário do povo polonês. Mesmo quando a Polônia caiu sob o domínio soviético, que fez de tudo para que os nomes dos heróis poloneses se perdessem na bruma, avultando apenas os daqueles que colaboraram com a sovietização do país (e não foram poucos), Wizna não foi esquecida, ainda que sua luta inglória tenha sido pouco valorizada. Entretanto, exatamente pelo fato de Wizna não ter sido relegada a um segundo ou terceiro planos – como foi feito com os judeus poloneses na revolta do Gueto de Varsóvia, em 1943, dos soldados do AK na revolta de Varsóvia, em 1944, e de toda a campanha dos poloneses de Londres durante toda a guerra – paira no ar a dúvida de se Wizna não foi um dos instrumentos de propaganda elencados pelos soviéticos com o conluio de comunistas poloneses.

A ideia de que uma tropa ínfima, sem meios adequados, foi capaz de se opor a uma força avassaladoramente superior, conduzida por um já afamado general de tanques, evoca a imagem de um pequenino Davi contra um gigantesco Golias. Ou das Termópilas. E foi sob essa moldura que a defesa de Wizna passou para a história da Polônia, suscitando acesas discussões até hoje. Um exemplo é o Dr. Tomasz Wesołowski, historiador da Universidade de Białystok, que causou verdadeiro furor quando deu uma entrevista a Monika Żmijewska, do Białystok Gazeta Wyborcza, em setembro de 2009, aniversário de 70 anos, da batalha, onde desconstrói a maioria da narrativa heroica da história, inclusive propondo que os soldados de Reginis simplesmente abandonaram suas posições diante do ataque alemão.

“Afirmei, com toda a responsabilidade, que a maioria dos soldados poloneses abandonou suas posições; e isso pode acontecer por vários motivos; o oficial morre, o soldado não sabe o que fazer a seguir. E é isso. Já na noite de 8 de setembro, na vizinha Osowiec, foi estabelecido um tribunal de campo para julgar os desertores de Wizna. Os combates principais nem haviam se iniciado e grupos de soldados em pânico sem armas chegavam a Osowiec”. Wesołowski contesta ainda o número de soldados, de ambos os lados, em combate em Wizna e o número de mortos entre os poloneses.

Nesse quesito, ele não está sozinho. É óbvio que Guderian não lançou todo o peso do 19º Corpo sobre Wizna, que deveria ser conquistada quase que de passagem. Ele enviou frações de tropas que foram aos poucos ganhando volume já que a maior parte do Corpo estava esperando em um enorme engarrafamento (que Wesołowski chegou a classificar como um dos maiores da guerra) às margens do Narew, tentando arranjar meios de atravessá-lo. Sztama: “Portanto, os defensores não lutaram com 42 mil soldados alemães, porque estes não estavam fisicamente lá”. Para Wesołowski, o número de alemães em combate efetivo em Wizna, no auge da luta – 9 de setembro – era de cerca de 3 mil a 4 mil homens. “Se as estimativas de Wesołowski fossem adotadas, a vantagem alemã seria de cinco soldados por polonês”, afirma Sztama. Isso, evidente, se o número de 720 defensores do setor fosse confirmado, o que, para alguns historiadores, além de Wesołowski, não foi. Moczulski diz que o número varia entre 350 e 720 poloneses e, se o número dos soldados de Reginis for metade do que a história divulga, fica a questão sobre o número de sobreviventes tanto entre alemães como entre poloneses.

"A versão oficial diz que a Alemanha sofreu enormes perdas, que nossos soldados, apesar de uma disparidade tão grande de forças, destruíram grandes tropas. Só que parece que ninguém sabe dizer onde estão esses alemães [mortos]. Se tantos deles morreram, deveria haver sepulturas em algum lugar. O problema é que apenas nove sepulturas alemãs foram encontradas", diz Wesołowski. Ele garante que passou vários anos rebuscando arquivos alemães para chegar a essa conclusão e assegura que, entre os poloneses, não mais de uma dúzia foram mortos e perto de 90 capturados.

Admitindo os 720 defensores, o próprio Wesołowski questiona: "O que aconteceu com o restante? Vamos admitir que alguns soldados não participaram dos combates – os sapadores, por exemplo – cerca de 70; assim ainda existem mais 400 mortos. Onde estão?". Se, como conta a história oficial, somente 70 soldados sobreviveram, é de constatar que 650 foram mortos ou feito prisioneiros. Wesołowski não fala desses últimos, mas lança a mesma questão em relação aos mortos alemães. "Se eles morreram, onde estão [enterrados]? Nenhum dos habitantes locais que chegaram ao campo de batalha, após as lutas, encontraram centenas de cadáveres ou túmulos frescos?".

Quem oferece a resposta é Dariusz Szymanowski, autor do livro *Não apenas as Termópilas polonesas: Wizna em 1939-1945* (*Nie tylko polskie Termopile: Wizna w latach 1939-1945*), fundador e presidente da Associação "Wizna 1939". Em uma entrevista concedida a Piotr Włoczyk, da revista *Do Rzeczy*, de 7 de setembro de 2018, ele responde que hoje já é consenso que havia muito menos de 720 homens em Wizna. "O campo de batalha de Wizna é, simplificando, uma área de quase 90 km²; então as vítimas ficaram muito dispersas". Ele afirma que, conversando com moradores da área, ficou sabendo que depois dos combates, ninguém ia até os setores de luta por medo de minas.

Wesołowski provoca Szymanowski e vários outros autores e cultuadores de Wizna quando assevera que a seção não passou de um contratempo para os alemães. Ele lembra que a 10ª Panzer recebeu de Guderian a ordem de capturar Łomża até meia-noite de 7 de setembro. Segundo ele, o comandante do 19º ordenou a Stumpff: "Ou você capture Łomża ou procura outra rota". Deste modo, Wizna tornou-se uma alternativa para que as unidades de Guderian continuassem céleres rumo a Brześć. O problema é que Stumpff se deparou com estradas muito ruins e somente no dia 8 é que suas formações começaram a chegar a Wizna. Na tarde daquele dia iniciaram ações ofensivas. Primeiro chegou um batalhão de infantaria, apoiado por um esquadrão de artilharia, com vários soldados. Só então o equilíbrio do poder foi alcançado. E em 8 de setembro, havia tantos alemães quanto poloneses. Na tarde daquele dia, os alemães tentaram atividades ofensivas. "Eles colocaram a posição polonesa em chamas com artilharia e aí ocorreu a primeira brecha: a guarnição da posição mais a frente no Narew [Włochówka?] não conseguiu manter-se moral e mentalmente equilibrada e abandonou suas posições".

Só que Guderian, em seu *Panzer Líder*, não faz menção a uma ordem dessas a Stumpff. No dia 6, ele fala do seu novo posto de comando, o castelo do Conde Dohna-Finkelstein, onde Napoleão se hospedou antes da campanha da Rússia (péssimo presságio), da caçada ao um cervo de 12 pontas no dia 7, da reunião com

Bock onde preservou o 19º Corpo “independente” no dia 8 e do ímpeto que deu ao ataque da 10ª Panzer no dia 9. É de se perguntar por que um general enérgico como era Guderian não teria registrado uma ordem como a apontada por Wesołowski, já que fator tempo era determinante e, na verdade, a síntese de sua concepção de guerra.

O historiador observa que os alemães, após chegarem à Wizna no dia 8, não atacaram em peso imediatamente. E não o fizeram não porque não podiam ou porque encontraram forte resistência, mas apenas porque não quiseram. Eles preferiram esperar o dia seguinte, quando a ponte de pontões estivesse em condições de receber tráfego pesado. “Do ponto de vista operacional, Wizna, para os alemães, não foi um episódio significativo; houve até períodos de inatividade, com pouca intensidade de luta; é surpreendente que, entre as fotografias tiradas pelos alemães durante a batalha, haja muitos soldados em repouso, pescando e até tomando banho no Narew”. Essa última atividade, banho no Narew, o tenente-coronel Tabaczyński soube que ocorria por meio dos moradores, quando de sua incursão a Giełczyn, no dia 11.

Se houve tempo para que os alemães se banhassem no rio, é possível que Wizna não fosse assim tão crucial para os planos alemães e aí o questionamento que fica é se Reginis e seus homens morreram à toa. Nem a morte heroica de Reginis, se recusando a abandonar sua posição e preferindo a morte à capitulação, escapa ao crivo crítico de Wesołowski.

E para alguns o historiador foi longe demais ao colocar em dúvida a morte do capitão. Para ele, existem várias versões da morte de Reginis. A oficial, de que ele se matou com um granada, uma outra, em que ele teria atirado contra si mesmo, uma terceira, de que morreu em virtude dos ferimentos recebidos, e até uma quarta que diz que o tiro que o matou foi acidental, disparado por algum integrante da guarnição do *bunker*. Acidental? “E assim chegamos à versão repetida por alguns veteranos e versões locais, de que ele [Reginis] foi morto por seus próprios soldados, supostamente porque não queria desistir. Obviamente, isso não é evidência para o historiador, mas os outros relatos não são evidências conclusivas”.

TERMÓPILAS POLONESAS?

No final da guerra, uma Polônia destruída, dessangrada, psíquica e moralmente violentada, ainda tentava juntar o que restara de sua dignidade, ao mesmo tempo em que dava combate ao aliado de outrora dos nazistas, Stalin. Muitos dos sobreviventes dos combates de seis anos (importante lembrar que a Polônia foi a única nação a lutar contra os alemães do primeiro ao último dia da guerra), abandonaram as forças armadas, mergulharam no ostracismo para preservar suas vidas e memórias e não as entregaram aos futuros historiadores através de depoimentos ou registros.

Os que restaram dos combates em Wizna seguiram o mesmo curso ao final da guerra. Wesołowski afirma que mais de 100 estavam “disponíveis” para falar sobre o episódio, mas parece que ninguém os ouviu. Para o historiador de

Białystok isso ocorreu porque a narrativa histórica precisava ser mantida a partir da visão comunista da então República Popular da Polônia. “Entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980, cerca de uma dúzia de pessoas admitiu ter lutado em Wizna. Vários relatos foram escritos em Londres, mas os pesquisadores posteriores não os alcançaram. No entanto, ninguém realmente prestou muita atenção a isso. Minha queixa mais séria sobre a era comunista é que no momento em que ainda havia pessoas que podiam ser encontradas, isso não foi feito. Essas pessoas não eram necessárias. Por quê?”.

Ele compara o percurso do tenente Kiewlicz, que lutou em Giełczyn, e que o historiador admite que foi ouvido, com o capitão Szmidt, da 8ª Companhia. Este último, que não era oficial de linha, apenas instrutor da escola, trancou-se no abrigo e capitulou apenas quando os tanques o atingiram. Wesołowski diz que ele queria cometer suicídio, mas acabou desistindo. “No final – para os propagandistas do povo – ele não era digno de ser considerado um herói, por uma simples razão: depois de ser libertado da prisão, passou a viver em Londres”.

Já Kiewlicz, um soldado especialmente treinado para lutar em fortificações, segundo Wesołowski, abandonou seu abrigo antes que os alemães se aproximassesem algumas centenas de metros. Durante a retirada, ele encontrou a unidade do tenente Teofil Szopa (*†-NI). “O profissional Kiewlicz não queria mais lutar; Szopa, professor, reservista, decidiu ficar. E foi morto”. O historiador não fala da trajetória de Kiewlicz depois de Wizna, quando continuou combatendo até o fim da guerra, e nem que foi preso pelo NKVD ao final desta por ter sido soldado do AK, um fato que pode não o qualificar como um herói de Wizna, mas seguramente não o torna uma figura bem quista na Polônia soviética.

Quanto a Szopa: “E ninguém se lembra do tenente Szopa hoje; ele sequer viu um túmulo decente”. Szymanowski diz que não foi encontrada sepultura de Szopa simplesmente porque ele não morreu em Wizna. Embora Tabaczyński, em seu relatório escrito depois da guerra, tenha grafado que Szopa, comandante de pelotão, morreu na região, Szymanowski assegura que o tenente sobreviveu à guerra em circunstâncias dramáticas e morreu muito velho. “Conversei com seus filhos”, ressalta. Szymanowski responde ainda às outras alegações de Wesołowski.

Os restos mortais de Raginis foram encontrados, comprovados por exames de DNA, com a confirmação, inclusive, por fragmentos de granada encontrados, que ele morreu como relatado, e que não há evidência alguma de que em Osowiec uma espécie de corte marcial tenha sido criada para julgar desertores de Wizna. Para ele, todo o episódio configura uma das passagens mais marcantes da Guerra Defensiva Polonesa, de 1939, e que embora procure ver com um certo distanciamento crítico, há sim certa similitude com as Termópilas gregas, como explica em seu livro. Essa “semelhança”, que joga sombras e luzes sobre o evento de Wizna, é que parece mover Wesołowski em sua cruzada contra o que ele chama de mistificação.

O termo aplicado à defesa heroica de Wizna foi criado em 1959, 20 anos após os eventos, pela propaganda comunista. Primeiro pelo *Estandarte Juvenil* (*Sztandar Młodych*), diário nacional para jovens, que começou a ser publicado em 1º de maio de 1950, e que se tornou ao longo do tempo o órgão oficial de imprensa da

juventude socialista polonesa em suas diversas configurações, e que no seu primeiro número publicou os “empolgantes” discursos de Bolesław Bierut, primeiro presidente da R. P. Polônia, marechal Konstanty Rokossowski, do Exército Soviético, imposto ministro da Defesa de Varsóvia por Moscou, e Stalin.

Ao longo do tempo, a memória coletiva foi fixando o fato como tal. Wesołowski nota que a história da batalha de Wizna foi tratada, ao longo dos anos, não por historiadores, mas por propagandistas. Ele lembra que o único historiador que tratou do tema depois da guerra, foi o coronel Adam Tymoteusz Sawczyński (1892-1975), comandante de artilharia da 41ª Divisão, de PiekarSKI, que deveria ter entrado em ação em Różan, a 6 de setembro, ao lado da 33ª Divisão, de Kalina-Zieleniewski, mas não o fez. “E Sawczyński escreveu da perspectiva de Londres, depois da guerra, sem ter a oportunidade de vir ao país”. Em 1976, Wizna se consolidou como as “Termópilas polonesas” graças ao fundador e primeiro diretor do Museu Militar de Białystok, o coronel Kosztyła. “Mas quando Kosztyła tratou do assunto de Wizna, ele o fez da maneira como foi ensinado: como um comissário político no Exército Popular da Polônia”.

O termo “Termópilas polonesas” é corrente na historiografia militar do país, antes mesmo de Wizna. Parece que a maioria dos historiadores concordam que a comparação com os 300 de Esparta tem mais a ver com a batalha de Zadwórze, travada durante a Guerra Russo-Polonesa (1919-1921) do que exatamente com Wizna¹¹.

Szymanowski, cujos pais são de Wizna e que, segundo ele, cresceu ouvindo sobre o heroísmo do capitão Raginis, admite que não se tem as respostas exatas para todas as perguntas sobre a defesa de Wizna. “Faltam documentos, dados específicos; nesse caso, não é tão fácil recriar o que aconteceu durante aqueles quatro dias; a área deste confronto era muito grande e não há testemunhas desses eventos.” E complementa com o que parece ser uma clara resposta a Wesołowski: “No entanto, isso não significa que toda a batalha possa ser reduzida ao absurdo de os alemães tiveram uma inesperada parada mais longa perto de Wizna, porque tinham uma ponte flutuante muito curta, e os poloneses escaparam assim que a luta real começou”.

¹¹ Zadwórze é uma pequena vila localizada a 33 km do centro da cidade de Lwów (Lviv). Em 17 de agosto de 1920, o capitão Bolesław ZajĄczkowski (1891), liderando um batalhão de aproximadamente 500 voluntários, incluindo jovens e estudantes que passaram a história como “aguiazinhas de Lwów” (Orlęta lwowskie), chegou à aldeia de Kutkorz, ao longo da ferrovia Lwów-Tarnopol, quando foram alvejados por russos acantonados na aldeia vizinha de Zadwórze. ZajĄczkowski ordenou um ataque e tomou estação ferroviária da aldeia ao preço de 200 mortos. Quase que de imediato, tropas da 6ª Divisão de Cavalaria (general Iosif Rodionovich Apanasenko, 1890-1943), do 1º Exército de Cavalaria, comandado pelo inábil oficial e futuro apaniguado de Stalin, general Semyon Mikhailovich Budionny (1883-1973), iniciaram um contra-ataque. Ao anotecer, a munição dos poloneses estava quase esgotada, mas a unidade polonesa conseguiu repelir seis cargas de cavalaria consecutivas. ZajĄczkowski decidiu se retirar para Lwów, mas foi impedido pela aviação soviética. Ele então ordenou que seus homens organizassem um último bolsão de resistência e depois que a munição esgotou de vez e os combates descambaram para luta com facas, baionetas, sabres e corpo a corpo, a resistência polonesa foi quebrada. Dos 330 soldados poloneses que tomaram a estação ferroviária no início daquele dia, 318 estavam mortos. Várias dezenas de poloneses feridos foram capturados pelo Exército Vermelho e assassinados. ZajĄczkowski cometeu suicídio. Apenas 12 soldados sobreviveram. As 11 horas de luta permitiram o fortalecimento das defesas de Lwów e impediram que Budionny apoiasse as forças russas que lutavam em Varsóvia (https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Zadwórze).

Por sua vez, Wesołowski garante que tudo o que afirma pode ser confirmado no livro que está escrevendo sobre o tema e que, ele assegura, não tratará apenas do que aconteceu, mas também trará uma análise da memória da batalha de Wizna, ao longo das décadas da República Popular da Polônia e daqueles 20 anos da Polônia independente, baseada em pesquisa de arquivos históricos alemães e poloneses. “Os autores da versão oficial nunca analisavam os arquivos alemães; na Polônia, havia uma crença equivocada e completamente injustificada de que se os alemães escreveram alguma coisa, isso deveria ser mentira; este é um erro metodológico básico que pressupõe que a propaganda alemã e os documentos militares alemães são a mesma coisa; e não são”.

Ele enfatiza que o livro é uma análise fria, detalhada em 600 páginas ilustradas com mais de cem fotografias de arquivo. “Apresentarei os mitos e verdades sobre o que aconteceu em setembro de 1939; e a verdade é que Wizna, depois da guerra, se tornou um incrível mito de propaganda que cresceu por 70 anos e continua a crescer”.

A MEMÓRIA DE WIZNA

Em sua entrevista a Włoczyk, em setembro de 2018, Szymanowski dispara: “Esta vergonhosa – não tenho medo de usar essa palavra – entrevista [de Wesołowski] foi publicada no *Gazeta Wyborcza Białystok* para o 70º aniversário da batalha de Wizna; ficou claro naquela conversa que, a qualquer momento, um livro grosso – de até 600 páginas – seria publicado, o que exporia todos os mitos e lendas sobre a defesa de Wizna; nove anos se passaram desde então, e esta publicação ‘pioneira’ ainda não foi publicada. Então eu pergunto: por que esse livro ‘pronto para impressão’ ainda não saiu?”.

Em setembro de 2014, a *Gazeta Wyborcza Białystok* anunciou que Wesołowski estava terminando seu livro. Dois anos depois, a Universidade de Białystok informou que o livro de Wesołowski estava para sair. “A partir do surgimento da entrevista [de Wesołowski] em 2009, diversos textos foram publicados confirmando ‘fatos novos’ sobre as lutas do episódio Wizna; eles não contribuíram com nada de concreto para pesquisas futuras, mas antes elogiaram as ‘revelações’ publicadas anteriormente; curiosamente, a maioria foi escrita por pessoas associadas a Białystok, ou mais precisamente à Universidade de Białystok; é tudo triste, porque embora eu pessoalmente tenha passado muitas horas na pesquisa de campo da seção Wizna, nunca vi esses homens verificando suas teorias ousadas”, espicaça Marcin Sochoń, vice-presidente da Associação “Wizna 1939”, em artigo no portal histórico Historykon.pl.

Szymanowski sentencia: “O fato é que o historiador ainda não apresentou evidências para apoiar suas teses, embora tenha anunciado uma sensação. Portanto, pode-se dizer com segurança que o livro do Dr. Wesołowski é um mito e me parece que esta publicação mítica, se sair, ficará mais magra”. Em janeiro de 2021, o livro ainda não estava nas livrarias polonesas.

Raginis permanece incólume na memória dos poloneses. Ele, que já tinha a Cruz de Mérito de Prata (*Krzyż Zasługi*), concedida em 1937, foi condecorado

postumamente, em 1947, com a Cruz de Prata da Ordem Virtuti Militari (*Order Wojenny Virtuti Militari*), e em 1970 com a Cruz de Ouro da mesma ordem (*Krzyżem Złotym*). Em setembro de 1989, o governo colocou em circulação um selo no valor de 5 złotys, apresentando um retrato de Raginis e da defesa de Wizna. Lech Kaczyński, presidente da Polônia, em 2009, concedeu a Raginis a Grã-Cruz da Ordem da Polônia Restituta (*Order Odrodzenia Polski, Polonia Restituta (PR)*), a segunda maior comenda civil do Estado, e em 2012, o Ministro da Defesa Nacional, Tomasz Siemoniak, consignou a nomeação póstuma de Raginis para o posto de major, e de Brykalski para o de capitão.



Homenagem: Fragmento de um dos dois bunkers de combate em Góra Strękowa foi colocado no túmulo de soldados que lutavam sob o comando do capitão Władysław Raginis (Fonte: Grzegorz Kossakowski).

Vários documentários, livros e peças musicais foram produzidas em homenagem a Raginis e Wizna. A banda de dança polonesa Forteca compôs *Defensores de Wizna* (*Obrońcy pod Wizny*) e a de metal sueca, Sabaton, lançou a canção 40:1 (40 para 1 – “Czterdzięci do jednego”), cujo vídeo foi dirigido por Jacek Raginis, neto da irmã do capitão. Antes de seu show, realizado na Polônia, em 23 de outubro de 2008, os integrantes da Sabaton visitaram Wizna e prestaram homenagem aos soldados do capitão Raginis. Em 2020, o 18º Regimento de Logística, de Łomża, subordinado à 18ª Divisão Mecanizada, assumiu o major Władysław Raginis como patrono da unidade, assim como vários grupos de escotismo. Cerca de 22 ruas de 18 cidades e quatro vilas na Polônia, levam seu nome, entre elas as localizadas em Białystok, Działdowo, Kiekrz, Kielce, Łomża, Lublin, Opole, Rzeszów, Szczecin, Tarnów, Varsóvia (distrito de Bemowo) e Zambrów.

Independente da glorificação, para alguns, exagerada, dos feitos do capitão Raginis e de seus homens, fica muito claro que o episódio Wizna não é um ponto fora da curva na história das forças polonesas na II Guerra Mundial. Mesmo na campanha

de setembro, os poloneses, apesar de toda a miopia que por vezes grassava no alto comando, se bateram com patriotismo e continuaram a fazê-lo mesmo depois que seu país estava curvado, prostrado diante da Alemanha nazista.

Em Wizna, embora as unidades fossem quase inteiramente compostas por recrutas mobilizados em agosto de 1939, em vez de soldados profissionais – exigidos em outras frentes –, seu moral era muito alto (exceto, talvez, a unidade do capitão Szmidt, antes do início do conflito). Após a guerra, Guderian teve problemas para explicar por que seu Corpo foi retido por uma força tão pequena. Parece que não foi somente uma questão logística ou o engarrafamento de veículos às margens do Narew.

O coronel Przemysław Kupidura, em artigo publicado, com outro autor, na *Revista Técnica e Logística Militar* (*Wojskowy Przegląd Techniczny i Logistyczny*), em 1999, afirma que Guderian observou que Wizna era “bem defendida por uma escola de oficiais local”. Se era fato que as defesas polonesas em Wizna eram fracas, também era fato que os alemães estavam experimentando suas teorias pela primeira vez em campo e isso, é claro, dava margem a erros.

Mas enquanto os alemães puderam aprender com seus equívocos, a mesma chance não foi dada aos poloneses. Ainda mais porque o comandante-em-chefe e o alto-comando poloneses não tinham o mesmo nível de profissionalismo do Estado Maior Alemão, como demonstram as ordens dadas, revogadas, confirmadas e negadas, numa sequência de ensandecer os homens em campo. Krajewski: “Mesmo antes do 19º Corpo alemão surgir no campo de batalha, por ordem do marechal Śmigły-Rydz, a região, que estava perfeitamente defensiva, foi despida de tropas, revelando a ala direita de unidades concentradas na área de Varsóvia”.

Mas a dedicação dos defensores de Wizna fez sentido. Quando Guderian foi obstado na região – e aqui importa pouco se o fez porque quis ou se obrigado pelos defensores – as forças ao redor de Varsóvia tiveram pelo menos dois dias para compor sua defesa, além de permitir a muitas unidades, soldados, oficiais e funcionários poloneses a retirada de forma mais ou menos ordenada para a Romênia. “No entanto, o quanto poderiam os soldados do Capitão Raginis, se tivessem sido bem armados, supridos de munição e fortificações que não eram apenas substitutos para bunkers? Mas essa questão em particular dizia respeito a todo o Exército Polonês da época”.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

GUDERIAN, Heinz. *Panzer Líder*. Rio de Janeiro, Brasil: Biblioteca do Exército Editora, 1966, p. 67.

SAAR OFENSIVE. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Saar_Offensive.

GERMAN ORDER OF BATTLE FOR THE INVASION OF POLAND. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/3oF5osv>.

SHIRER, William. L. *A queda da França*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Record, vol. 2, p. 234-5.

MARIANO, J. A. *Enquanto formos vivos, a Polônia não perecerá: a Polônia nos campos de batalha da II Guerra Mundial*. São Paulo, Brasil: T&T, Menno, 2020, p. 18.

SCHILLING, Warner Roller. *Weapons, strategy, and war*. Columbia University, Nova York, EUA: [S.D.]. Disponível em: <https://bit.ly/2Xu1YwT>.

CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Primor, 1975, Vol. II, p.19.

MODLIN ARMY. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Modlin_Army.

GUDERIAN, H. Op. cit. p. 63.

GRUPA OPERACYJONA WYSZK. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://pl.wikipedia.org/wiki/Grupa_Operacyjna_Wyszk.

SAMODZIELNA GRUPA OPERACYJNA. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://pl.wikipedia.org/wiki/Samodzielna_Grupa_Operacyjna_Narew.

BIAŁYSTOK. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/Bialystok>.

SCHLACHT BEI WIZNA. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://de.wikipedia.org/wiki/Schlacht_bei_Wizna.

TWIERDZA OSOWIEC. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://pl.wikipedia.org/wiki/Twierdza_Osowiec.

NAJCZUK, Ryszard. *Bitwa pod Wiznąq. [Batalha de Wizna]*. Wojsko Polskie [Exército Polonês]. Varsóvia, Polônia: [S.D.]. Disponível em: <https://www.wojsko-polskie.pl/bitwa-pod-wizna/>.

KPT. WŁADYSŁAW RAGINIS – NIEZŁOMNY DOWÓDCA BOHATERÓW SPOD WIZNY. [Cap. Władysław Raginis - o comandante inabalável dos heróis de Wizna]. Polskie Radio 24. Varsóvia, Polônia: 10 set 2020. Disponível em: <https://bitly/3nCnpWW>.

BATALION KOP SARNY. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em:
https://pl.wikipedia.org/wiki/Batalion_KOP_Sarny.

ŻYŁKOWSKI, Artur. *Wizna. Samotny bastion. [Wizna. Um bastião solitário]*. Dobroni.pl. Varsóvia, Polônia: 6 set 2016. Disponível em <https://dobroni.pl/artykul/wiznasamotny-bastion/562620>.

BORAWSKA, Katarzyna. *Bitwa pod Wiznąq. Wizna 1939: 7-10 września 1939 r. [A batalha de Wizna. Wizna 1939: 7 a 10 de setembro de 1939]*. Kampania Wrześniowa 1939. Varsóvia, Polônia: [S.D.]. Disponível em <http://www.1939.pl/bitwy/niemcy/bitwa-pod-wizna/index.html>.

MARIANO, J. A. Op. cit. p. 21-22.

KOSZTYŁA, Zygmunt. *Akcja Podlaskiej i Suwalskiej Brygady Kawalerii na teren Prus Wschodnich w kampanii wrześniowej 1939. [The feats of the Podlasie and the Suwałki Cavalry Brigades in East Prussia during the September 1939 Campaign]*. "Rocznik

Białostocki” [Anuário Białystok]. Białystok, Polônia: Muzeum Podlaskie w Białymstoku, 1966. vol. 6, p. [427]-440.

41 DYWIZJA PIECHOTY (II RP). In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: [https://pl.wikipedia.org/wiki/41_Dywizja_Piechoty_\(II_RP\)](https://pl.wikipedia.org/wiki/41_Dywizja_Piechoty_(II_RP)).

DYWIZJA PIECHOTY (II RP). In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: [https://pl.wikipedia.org/wiki/33_Dywizja_Piechoty_\(II_RP\)](https://pl.wikipedia.org/wiki/33_Dywizja_Piechoty_(II_RP)).

GUDERIAN, Heinz. Op. cit. p. 76.

BITWA POD WIZNĄ. [BATALHA DE WIZNA]. WPK. Lódz. Lódz, Polônia: [S.D.]. Disponível em <http://www.wpk.p.lodz.pl/~bolas/main/bitwy/wizna/wizna.htm>.

BITWA POD WIZNĄ. KAPITAN WŁADYSŁAW RAGINIS. SCHRONY Z LINII OBRONY ODCINKA WIZNA. [A batalha do Wizna. Capitão Władysław Raginis. Abrigos da seção de defesa Wizna]. Wizna1939.eu. Wołomin, Polônia: [S.D.]. Disponível em <http://www.wizna1939.eu/index.php/bitwa-pod-wizna>.

SZTAMA, Paweł. *Raginis kontra Guderian, czyli polskie Termopile. 80 lat temu miała miejsce heroiczna obrona Wizny. [Raginis contra Guderian, ou Thermopylae polonesas. Oitenta anos atrás, a heroica defesa de Wizna aconteceu]*. Wprost. Varsóvia, Polônia: 7 set 2109. Disponível em: <https://bit.ly/3i2lxWm>.

GRUPA OPERACYJNA GRODNO. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Grupa_Operacyjna_Grodno.

BATTLE OF WIZNA. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Wizna.

OBRONA WIZNY. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Obrona_Wizny.

KRAJEWSKI, Andrzej. *Polskie Termopile, czyli cud pod Wizną. [Termópilas polonesas ou o milagre em Wizna]*. Polska Times, Varsóvia, Polônia: 4 de setembro de 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3buX8aX>.

GUDERIAN, H. Op. cit. p. 77-78.

GUDERIAN, H. Op. cit. p. 78.

WYDAWNICTWO, Zawilski Apoloniusz. Bitwy polskiego września. [Batalha do setembro polonês]. Cracóvia, Polônia: Znak Publishing, 2018.

KARABIN PRZECIWPANCERNY WZ 35. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Karabin_przeciwpancerny_wz_35.

2 PUŁK UŁANOW GROCHOWSICH. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/2_Pułk_Ułanów_Grochowskich.

18 DYWIZJA PIECHOTY (II RP). In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: [https://pl.wikipedia.org/wiki/18_Dywizja_Piechoty_\(II_RP\)](https://pl.wikipedia.org/wiki/18_Dywizja_Piechoty_(II_RP)).

MARIANO, J.A. Op. cit. p. 13.

MARIANO, J.A. Op. cit. p. 12.

MARIANO, J.A. Op. cit. p. 65.

TIME NOTE. *Witold Kiewlicz*. Riga, Letônia. [S.D.]. Disponível em <https://timenote.info/lv/person/view?id=10282226&l=pl>.

KLEMPERT, Mateusz; **NOWAKOWSKI**, Sebastian. *Okruchy pamięci Wspomnienia i relacje byłych żołnierzy Korpusu Ochrony Pogranicza. Wybór, wstęp i opracowanie*. [Fragments de memória Memórias e relatos de ex-soldados Corpo de Proteção de Fronteira. Seleção, introdução e desenvolvimento]. Wydział Humanistyczny Uniwersytetu Warmińsko-Mazurskiego w Olsztynie. [Instituto de História e Relações Internacionais Universidade de Warmia e Mazury em Olsztyn, Faculdade de ciências humanas Universidade de Warmia e Mazury em Olsztyn]. Olsztyn, Polônia: Zakład Poligraficzny Uniwersytetu Warmińsko-Mazurskiego w Olsztynie [Departamento de Impressão da Universidade de Warmia e Mazury], 2015, p. 61-67-69.

SZCZEPANSKI, Kajetan. *Tadeusz Juliusz Tabaczyński*. Muzeum Polskich Formacji Granicznych im. mjr. Władysława Raginisa. Varsóvia, Polônia: [S.D.]. Disponível em: <https://bit.ly/3sdDzcV>.

MACKSEY, Kenneth. *Guderian in BARNETT, Correlli* [org.]. *Os generais de Hitler*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Eds., p. 465 (458)-(479).

SMELSER, Ronald; **DAVIES**, Edward J. *The myth of the Eastern Front: The Nazi-Soviet War in American Popular Culture*. Nova York, EUA: Cambridge University Press, 2008, p. 108-109.

GUDERIAN, H. Op. cit. p. 84.

RAJD ROWEROWY IM. STRZELCA SEWERYNA BIEGAŃSKIEGO. [Rally de bicicleta Artilheiro Seweryn Bieganski]. Gornanarew.pl. Turośń Kościelna, Polônia: 24 de agosto de 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3sdDRk1>.

ŻMIJEWSKA, Monika. *Wizna: niesłychany mit kampanii wrześniowej?* [Wizna: o incrível mito da campanha de setembro?]. Gazeta Wyborcza, Białystok, Polônia: 6 de setembro de 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2K8Mju>.

WŁOCZYK, Piotr. *Wizna '39. Polskie Termopile*. [Wizna '39 Do Rzeczy]. Varsóvia, Polônia: 7 de setembro de 2018. Disponível em: <https://dorzeczy.pl/historia/76387/Wizna-39-Polskie-Termopile.html>.

SZTANDAR MŁODYCH. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Sztandar_Młodych.

SOCHÓŃ, Marcin; **WŁUSEK**, Andrzej. *Odcinek Wizna i jego bohaterowie*. [Wizna e seus heróis]. Dąbrowa Górnica, Polônia: 9 de setembro de 2016. Disponível em: <https://historykon.pl/odcinek-wizna-i-jego-bohaterowie/>.

WŁADISLAW RAGINIS. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Władysław_Raginis.

KUPIDURA, Przemysław; **ZAHOR**, Mirosław. *Wizna*. Wojskowy Przegląd Techniczny i Logistyczny. [Revista Técnica e Logística Militar]. Wojskowa Akademia Techniczna im. Jarosława Dąbrowskiego. [Universidade Militar de Tecnologia Jarosław Dąbrowski].

Varsóvia, Polônia: Zakład Poligraficzny Wojskowa Akademia Techniczna im. Jarosława Dąbrowskiego, 1999, nº 3, pág. 246.

STANISLAW SKWARCZYŃSKI. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Stanisław_Skwarczynski.

REFERÊNCIAS DAS NOTAS DE RODAPÉ

BATALHA DE ZADWORZE. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Zadworse.

JÓSEF OLSZYNA WILCZYSKI. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Józef_Olszyna-Wilczyński.

KRAMPNITZ. NAZI AND SOVIET MILITARY COMPLEX. Abandoned Berlin. Berlim, Alemanha: 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.abandonedberlin.com/krampnitz/>.

STEFAN KOSSECKI. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Stefan_Kossecki.

SZAFRAN. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Jarosław_Szafran.

WHO ATTACKED POLAND ON SEPTEMBER 1, 1939. SO, DID THE USSR ATTACK POLAND? HISTORIANS ANSWER. STALIN AND HITLER WERE ALLIES BEFORE THE WAR. Okusove.ru. [S.D]. Disponível em: <https://bit.ly/3nzXlfa>.

***José Antonio Mariano** é jornalista, psicanalista, pesquisador e historiador militar amador. Mariano é autor do livro “Enquanto formos vivos, a Polônia não perecerá – a Polônia nos campos de batalha da II Guerra Mundial”, além de diversos artigos sobre história militar.
